



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

LARISSA ANIELY LEONILO ALMEIDA

**RELATOS DE CRIANÇAS DE SEIS ANOS AO RETORNAREM À ESCOLA APÓS O
PERÍODO DE DISTANCIAMENTO FÍSICO VIVENCIADO NA PANDEMIA DA
COVID-19**

RECIFE

2024

LARISSA ANIELY LEONILO ALMEIDA

**RELATOS DE CRIANÇAS DE SEIS ANOS AO RETORNAREM À ESCOLA APÓS O
PERÍODO DE DISTANCIAMENTO FÍSICO VIVENCIADO NA PANDEMIA DA
COVID-19**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof. Dr^a. Maria Isabel Patrício de Carvalho Pedrosa

Área de Concentração: Psicologia

RECIFE

2024

Catálogo na Fonte
Bibliotecário: Rodrigo Leopoldino Cavalcanti I, CRB4-1855

A447r Almeida, Larissa Anieli Leonilo.
Relatos de crianças de seis anos ao retornarem à escola após o período de distanciamento físico vivenciado na pandemia da COVID-19 / Larissa Anieli Leonilo Almeida. – 2024.
74 f. : 30 cm.

Orientadora : Maria Isabel Patrício de Carvalho Pedrosa.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Recife, 2024.

Inclui referências e anexos.

1. Psicologia. 2. COVID-19, Pandemia de, 2020-. 3. Crianças. 4. Conversas com crianças. 5. Interação social. 6. Infância. I. Pedrosa, Maria Isabel Patrício de Carvalho (Orientadora). II. Título.

150 CDD (22.ed.) UFPE (CFCH2024-134)

LARISSA ANIELY LEONILO ALMEIDA

**RELATOS DE CRIANÇAS DE SEIS ANOS AO RETORNAREM À ESCOLA APÓS O
PERÍODO DE DISTANCIAMENTO FÍSICO VIVENCIADO NA PANDEMIA DA
COVID-19**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Psicologia da
Universidade Federal de Pernambuco, como
requisito parcial para a obtenção do título de
mestre em Psicologia.
Área de Concentração: Psicologia

Aprovada em: 29/02/2024.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr^a. Maria Isabel Patrício de Carvalho Pedrosa
(Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Prof.^a Dr^a. Juliana Maria Ferreira de Lucena
(Examinadora Externa)
Universidade de Pernambuco - UPE

Prof.^a Dr^a. Renata Lira dos Santos Aléssio
(Examinadora interna)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

A Chiara.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todos e todas as pessoas que contribuíram para a realização e conclusão desta dissertação de mestrado. Este é um momento de grande significado para mim, e não poderia ter chegado até aqui sem o apoio e orientação preciosa de muitas pessoas.

Primeiramente, quero agradecer a Deus, que em sua infinita bondade, concedeu-me a presença do seu Santo Espírito, com seus dons, cada palavra escrita ganhava novo tom, dando ânimo para toda a jornada. Como dito por Chiara Lubich (Fundadora do Movimento dos Focolares) “o dom da Sabedoria, como um segredo da vida cristã; os estudos, como um pedestal para a Sabedoria e a doutrina que jorra de sua vivência e reflexão serve de marcadores para a vida cotidiana”.

Agradeço à minha orientadora, Maria Isabel Patrício de Carvalho Pedrosa, cuja expertise, dedicação e orientação foram fundamentais em todos os estágios deste processo. Sua paciência, insights e incentivo constante foram verdadeiramente inspiradores e fizeram toda a diferença em minha jornada acadêmica. Há uma grande diferença na minha compreensão sobre crianças antes e depois de Bel. Sem dúvida, suas palavras, aulas, orientações e produções científicas estarão sempre presentes em minha vida.

Minha gratidão às crianças participantes, pesquisadoras natas, que deram todo enredo para escrita desse trabalho, suas inferências, curiosidades e inventividade foram fundamentais.

Também agradeço à Prefeitura Municipal de Venturosa, na pessoa de Sônia Diógenes, Secretária de Educação, que permitiu o desenvolvimento da pesquisa, e a Jeandia Yucaid Rodrigues Tenorio, diretora da Escola Municipal Delmiro Alexandre Silva.

Agradeço aos membros da banca de qualificação e defesa, Juliana Maria Ferreira de Lucena e Renata Lira dos Santos Aléssio, pela análise cuidadosa do trabalho e valiosas sugestões para aprimoramentos. Seus comentários e apontamentos foram extremamente úteis para o aperfeiçoamento desta dissertação.

Além disso, quero estender meus agradecimentos aos meus colegas de curso e amigos, que compartilharam suas experiências, ideias e apoio ao longo dessa jornada. Em especial, cito Mayara Vieira Damasceno, com quem pude trocar figurinhas, medos e inseguranças vividas nessa caminhada acadêmica. Suas contribuições foram essenciais para o meu crescimento acadêmico e pessoal.

Não posso deixar de mencionar meus pais, cujo amor, encorajamento e compreensão me sustentaram durante os momentos mais desafiadores deste percurso; minha irmã, que foi suporte e afeto nos momentos de apreensão; e meu esposo, que foi e é meu companheiro, sua parceria e apoio foram essenciais. Vocês são a força motriz por trás de cada conquista alcançada.

Finalizo os agradecimentos, a pessoa a quem dedico a minha dissertação, Chiara, que trouxe acalento e leveza para meus dias, dando clareza e sentido a minha missão profissional, pessoal e humana. Você é luz, obrigada por me mostrar todos os dias o poder do Amor.

Por fim, expresso minha gratidão à FACEPE, que tornou possível a realização deste projeto por meio de bolsas de estudo e recursos acadêmicos.

Este marco não apenas representa o fim de uma etapa, mas também o início de novos desafios e oportunidades. Estou imensamente grata por ter tido a chance de contribuir para o conhecimento em minha área de estudo e espero poder fazer mais e melhor, para que todas as crianças tenham vida, em abundância.

A criança que eu fui um dia mora
Dentro desse adulto que eu me tornei
Na mesma gaveta onde eu guardo os
"Para de sonhar, leva a vida a sério"
E ela representa tudo o que eu quis ser um dia
Mas, parei de sonhar e levei a vida a sério
Sim, exatamente como me disseram pra fazer
Mas ao contrário de mim, ela nunca desiste
Ela insiste em me fazer sorrir
Essa criança não marcou hora na minha agenda lotada de desculpas
Não pediu licença, simplesmente abriu a porta e veio me visitar
E como quem fala
Ei, você não tá mais de castigo
Ela me olhou e disse a coisa mais séria que eu já ouvi
Você quer brincar comigo?
(CASTRO, 2017)

RESUMO

O estudo buscou investigar a compreensão de crianças de seis anos sobre a pandemia da COVID-19 a partir de seus relatos, após o período de distanciamento físico. Organizadas em 6 pequenos grupos para constituírem rodas de conversa com a pesquisadora, 32 crianças, ao voltarem a frequentar a escola, foram estimuladas a recordar suas experiências e sentimentos durante o período de distanciamento físico e a conversar sobre o que aprenderam a respeito do Coronavírus, sua disseminação e procedimentos de prevenção naquele período atípico. Os resultados indicam que, fora dos ambientes educacionais formais, elas se envolveram ativamente no contexto da pandemia, realizaram inferências sobre os efeitos do Coronavírus nas pessoas e destacaram os principais métodos de prevenção preconizados pelos órgãos de saúde. Alguns elementos transversais, como a influência do conservadorismo político/religioso na pandemia, também se manifestaram em suas falas. Além disso, as características específicas da região geográfica em que estão inseridas – uma cidade de interior situada no Agreste de Pernambuco –, circunscreveram suas experiências: “*Eu brincava com meu primo, que sempre quando eu me acordo ele já fica lá em casa.*”, “*Mas, eu nunca deixava de ir pra igreja*”. Embora o intervalo transcorrido entre o retorno às aulas e a coleta de dados (sete meses) possa ter influenciado as lembranças das crianças quanto às suas vivências do auge do período pandêmico, os seus relatos representam vivências e aprendizagens reelaboradas por elas e contribuem para um conhecimento mais apropriado das crianças e da infância.

Palavras-chave: pandemia da COVID-19; crianças; conversas com crianças; interação social; infância.

ABSTRACT

This research addressed the creative power of children, whether to assimilate knowledge from their sociocultural environment, develop new knowledge, resolve conflicts, manage their emotions, or understand emerging phenomena. Conceiving them as protagonists of the culture in which they are inserted, the study sought to investigate the understanding of six-year-old children about the COVID-19 pandemic based on their accounts, after the period of physical distancing. Organized into 6 small groups to form conversation circles with the researcher, 32 children, upon returning to school, were encouraged to recall their experiences and feelings during the period of social distancing and to talk about what they learned about the Coronavirus, its spread, and prevention procedures during that atypical period. The results indicate that, outside formal educational environments, they actively engaged in the context of the pandemic, made inferences about the effects of the Coronavirus on people, and highlighted the main prevention methods advocated by health organizations. Some cross-cutting elements, such as the influence of political/religious conservatism on the pandemic, also manifested in their speeches. Additionally, the specific characteristics of the geographical region in which they are located – a small city in the Agreste region of Pernambuco – circumscribed their experiences: "I used to play with my cousin, who always stays at my house when I wake up.", "But I never stopped going to church." Although the interval between returning to school and data collection (about 7 months) may have influenced the children's memories of their experiences during the peak of the pandemic period, their accounts represent experiences and learning experiences reworked by them and contribute to a more appropriate understanding of children and childhoods.

Keywords: COVID-19 pandemic; children; conversations with children; social interaction; childhood.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR
CDC	CENTROS DE CONTROLE E PREVENÇÃO DE DOENÇAS
ECA	ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE
ESPII	EMERGÊNCIA DE SAÚDE PÚBLICA DE IMPORTÂNCIA INTERNACIONAL
IBGE	INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
OMS	ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE
ONU	ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS
PCN	PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1	Infâncias e participação política	20
2.2	Proteção ou risco? A realidade das crianças em isolamento social	23
2.3	Crianças e pandemia: o que as pesquisas apontam	25
3	OBJETIVOS	28
4	MÉTODO	29
4.1	Local da pesquisa	29
4.2	Participantes	30
4.3	Recrutamento dos Participantes	30
4.4	Instrumentos utilizados	30
4.5	Procedimentos para coleta de dados	31
4.6	Análise e processamento dos dados	32
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	33
5.1	Como as crianças caracterizam o vírus	33
5.2	O que as crianças sabem sobre prevenção	40
5.3	Como as crianças descrevem o processo de disseminação do vírus	45
5.4	O que as crianças faziam e sentiam durante a pandemia	50
5.5	O uso da máscara e o sufoco que causava	52
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
	REFERÊNCIAS	59
	ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO	69
	ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	73

1 INTRODUÇÃO

Essa noite, eu tive um sonho de sonhador
 Maluco que sou, eu sonhei
 Com o dia em que a Terra parou
 Foi assim
 No dia em que todas as pessoas
 Do planeta inteiro
 Resolveram que ninguém ia sair de casa
 Como que se fosse combinado em todo
 O planeta
 Naquele dia, ninguém saiu de casa, ninguém
 (Raul Seixas, 1977)

A pandemia da COVID-19 foi um evento de grandes proporções e consequências danosas para a humanidade! Mesmo a Organização Mundial de Saúde (OMS) tendo decretado o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) referente à COVID-19, no dia 05 de maio de 2023, o receio de sua volta ainda nos assusta. O vírus continua circulando entre nós em sucessivas mutações, tornando-nos atentos para procedimentos de vacinação e desejosos de que a comunidade científica consiga erradicá-lo ou torne seus efeitos fortemente minimizados, evitando adoecimentos físicos e psicológicos. Devido à singularidade de contexto, pouco ainda se sabe ou se pôde construir cientificamente no campo das ciências psicológicas. Por essa razão, pesquisas precisam ser realizadas para se compreender as repercussões da pandemia na vida das pessoas, principalmente na vida das crianças.

De acordo com estudos preliminares sobre os impactos provocados pelo vírus, resultados ainda difusos permitem supor que a pandemia repercutiu nas experiências de crianças e adultos: “Embora as crianças pareçam ser menos vulneráveis do que os adultos à COVID-19, relatórios [...] indicam que crianças e adolescentes foram impactados psicologicamente, manifestando problemas comportamentais” (JIAO et al., 2020, p. 264). Tal informação ratifica a importância de se debruçar sobre essa temática, tendo em vista que muitos fenômenos surgem a partir de mudanças drásticas como é o caso de uma pandemia.

Em um estudo realizado em Shaanxi, na China, com 320 crianças e adolescentes, de acordo com Jiao et al. (2020, p. 265), “O distanciamento social pode acentuar ou fazer surgir algumas dificuldades funcionais e comportamentais nas crianças.” Mais estudos são necessários, inclusive com crianças pequenas que deixaram de frequentar a pré-escola, em face do distanciamento físico para minimizar o efeito do contágio do vírus. Demonstra-se a

relevância de investigações a partir de questionamentos ajustados a variações socioafetivas de outras realidades, inclusive à brasileira, com procedimentos metodológicos adequados às crianças, de modo a se conhecer possíveis implicações em suas vidas.

Pensar e estudar a criança e a infância em relação à pandemia permite vislumbrar possibilidades de saber mais sobre futuras gerações que crescem hoje sob o medo e a insegurança do adoecimento. A infância é uma importante fase da vida: “O desenvolvimento integral na primeira infância é crucial. As experiências ocorridas nessa fase terão influência ao longo de toda a vida do indivíduo” (BRASIL, 2014, p. 04). Nesse sentido, compreender as ocorrências que afetam as crianças propicia um monitoramento adequado de dificuldades que poderão surgir.

Com o presente estudo espera-se obter resultados que possam levar a uma compreensão de como crianças de seis anos, que iniciam o ensino fundamental, atribuem significados às suas vivências após um período de distanciamento físico (e até social para aquelas que não tiveram oportunidade de usar equipamentos em conversas à distância) decorrente da pandemia da COVID19. Esse foi um período em que as instituições de educação pararam o funcionamento presencial e, depois, implementaram o ensino remoto. A criança foi privada de frequentar outros espaços de exploração e convivência social e, com isso, foram privadas do contato diário e contínuo com seus parceiros de idade e com os adultos que orientavam toda a proposta pedagógica. Atividades tiveram de ser reinventadas; equipamentos tecnológicos tiveram de ser manuseados; a privacidade domiciliar foi “invadida” e, assim, novos hábitos foram implementados, junto às novas habilidades aprendidas.

Nos dias atuais, em que se experimenta a volta à instituição educacional, mas ainda sem a certeza de sua efetividade, o que restou e o que mudou nessa nova realidade? Serão as amizades negociadas em um novo patamar? A escola será mais valorizada? A relação criança-criança ou criança-adulto será reconstruída de outra maneira? A falta ou a lacuna do período mais rigoroso de distanciamento impôs uma nova realidade às famílias? Tudo isso é preciso ser investigado sob a perspectiva dos protagonistas dessas relações – a própria criança.

Colocar lentes multifocais para olhar a infância é a melhor forma de observar esse lugar não como espaço de passagem, mas como âncora de vida, pois é a ela que sempre voltamos para o reconhecimento de si mesmo. E é com esse movimento que parto para observar os fenômenos do desenvolvimento alocados nos primeiros anos de vida, olhando para eles a partir do viés criativo e provocador que o ser criança traz em sua essência.

Interesso-me pela infância e pela criança como psicóloga e estudiosa da ontogênese infantil, com a expectativa de aprender mais sobre seu processo de desenvolvimento e poder ajudá-la quando instada para isso em minha atuação profissional no interior do Estado de Pernambuco, na cidade de Venturosa, situada na região do Agreste de Pernambuco.

Estar na clínica infantil, ouvir pais, conversas cotidianas em meio ao contexto pandêmico são algumas das iniciativas que me saltaram aos olhos diante de um fenômeno tão imenso que se apresentava. A cada troca havia mais questionamentos aderidos: “como as crianças estão lidando com o isolamento?” “Como está sendo a interação com adultos rotineiramente, se estes anteriormente passavam a maior parte do dia fora de casa?” Inúmeras perguntas que culminaram em uma convocação pessoal a olhar para esse objeto, indagando-o: “Como se estabelecem as interações criança-criança em contexto pós-pandêmico?”

Infância, interação e desenvolvimento são construções que se dão de um modo particular, a partir de uma corrente teórica específica, mas pode ter inúmeras vozes falando tais conceitos e os validando por outros caminhos. Essa abertura para as possibilidades de abarcar os fenômenos propostos remontam à pluralidade em que a psicologia se constituiu como ciência e se constrói até hoje pelo seu fazer, como aponta Abib (2009).

Imersos numa determinada cultura, somos chamados a olhar para os fenômenos que emergem segundo modos diversos de captura do conhecimento. Tendo essa noção clara, alguns ainda irão questionar certos posicionamentos e objetos, porém é necessária a postura crítica de se colocar como autor e sujeito que participa, pois, a produção de conhecimento é feita por e para pessoas; “a subjetividade [do pesquisador] faz parte do jogo e precisa ser contemplada na produção do conhecimento” (Prado Filho, Martins, 2007).

O que eu posso provocar com essa reflexão e com esse conhecimento que minha pesquisa suscita não é apenas esclarecimento sobre algo, isso já valeria a pena! Mas também a partir dela poderei repensar e problematizar a forma como olhamos para a infância, diante desse atravessamento que foi a pandemia da COVID-19. Penso nessas questões e ao ler as ideias de Foucault, trazidas por Prado Filho e Martins (2007), questiono-me sobre a serviço de quem meu discurso e meu objeto está buscando escavar nas entrelinhas e me colocar “ao lado” de uma psicologia implicada, que se posiciona.

A quem minha pesquisa serve? Quais os movimentos de ordem política ela provoca para a sociedade? Tal provocação me inquieta a pensar em fazer ultrapassar o utilitarismo da psicologia. Sendo as crianças meu público da coleta de dados, e pensando nelas me traz a reflexão que existem infâncias distintas, por isso a importância de compreender a imersão social na qual estamos inseridos e as diferentes realidades, que se não dialogadas, acabam

por entrar no rol de uma igualdade inexistente. Como afirma Canguilhem (1973, p. 112), "o psicólogo não quer ser senão um instrumento, sem procurar saber de quem ou de que ele é instrumento"; por isso precisamos cada vez mais repensar os modos de apropriação de si, como psicólogos e pesquisadores.

As interações de crianças são efetivadas com vieses de pertencimento étnico-racial, posicionamento econômico, territorialidade, meio sociocultural entre outros. Diferentes significações de mundo são afetadas por esses vieses que constituem contextos diversos. As crianças da capital vivenciam esse contexto de reinserção escolar e interação com os pares de modo muito distinto das do interior. Além disso, as possibilidades financeiras propiciam passeios em locais seguros, casas de campo e praia, que são mais acessíveis para um público de padrão econômico diferenciado. Como disse Morin (2000, p. 204-2050), "... Os indivíduos humanos produzem a sociedade em e mediante as suas interações, mas a sociedade enquanto um todo emergente, produz a humanidade desses indivíduos trazendo-lhes a linguagem e a cultura".

Mas, de quais crianças estamos falando? Por que elas foram escolhidas para integrarem a presente investigação? Que características podem dar melhor entendimento ao conteúdo que poderá ser capturado em suas menções?

As crianças, participantes do estudo, têm seis anos e frequentam uma sala de alfabetização de uma escola pública, localizada no município de Venturosa, no interior do estado de Pernambuco. A sala de alfabetização é a primeira série do Ensino Fundamental. Elas foram escolhidas porque em 2020, quando foi decretada a pandemia, elas deveriam ter iniciado a obrigatoriedade da frequência à pré-escola; antes, no período de creche, de zero a três anos, as crianças têm direito à matrícula, mas, para os pais, é uma opção matriculem os filhos em uma instituição educacional (BRASIL, 2005, Art. 6º). Assim, a presente investigação queria conversar com as crianças que tinham tido a chance de frequentar a pré-escola, mesmo por um pequeno período; aquelas que possivelmente teriam sentido falta de coleguinhas e das rotinas do brincar. Nessa cronologia, em 2022, as crianças voltam a frequentar um ambiente educacional porque são advindas da educação infantil; elas iniciam um contato com outro modo de ensino-aprendizagem, estando ainda, no momento da coleta de dados, inteirando-se da nova realidade escolar.

De acordo com Piaget (2017), as crianças dos 02 aos 07 anos de idade encontram-se no estágio pré-operatório de seus pensamentos; portanto, é a fase em que se encontram as participantes do presente estudo. Observa-se que essa fase específica do desenvolvimento se

caracteriza pela abertura para dois novos mundos no infante, o social e o interior; lançando a criança em um novo emaranhado de descobertas desenvolvimentais. As formulações piagetianas ainda serão mais bem discutidas por ocasião da análise dos resultados.

A localidade da escola no interior do Estado também é fato relevante de ser mencionado; o território os constitui; oferece a possibilidade de conhecer e entender o mundo a partir de um espaço geográfico delimitado e com características peculiares. Como disse Freire (2011, p. 20) “há uma pedagogicidade indiscutível na materialidade do espaço”.

Há 17.251 habitantes em Venturosa, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (Censo 2022), com uma média salarial de 1,8 salário-mínimo para os trabalhadores formais. Ou seja, já se entende aí uma dinâmica interiorana que caracteriza essa população; o conceito de interior que utilizamos nessa escrita é o de Gontijo e Erick (2015, p. 31) que diz ser a interioridade “[...] um espaço-tempo que transita entre ruralidade e urbanidade [...]”; de modo que as formas de entender, absorver e recriar o mundo a sua volta são imbricações desta malha relacional que cidades afastadas das capitais e com um número menor de habitantes possuem.

Para além da demarcação geográfica do local onde moram, é importante falar das condições de subsistência financeira, que enquadram os participantes desse estudo. A escola é localizada em um bairro periférico e a maioria das crianças são de famílias com nível socioeconômico baixo; este dado um marcador que colabora para conhecer e aprofundar as possibilidades de conhecimento e desenvolvimento que elas têm. O nível socioeconômico de uma família é atrelado aos fundamentos que fomentam os valores pessoais de cada um, interferindo também no incremento de suas potencialidades e liberdade (ANTUNES, 2008).

Todas as crianças que participaram desta pesquisa têm 06 anos e eram recém-ingressas no ensino fundamental. Conforme a legislação, os pais são os responsáveis em matricular os filhos na escola e, nesta idade, a matrícula é obrigatória.

Ainda no que diz respeito a cidade, é necessário frisar a respeito das particularidades que os habitantes possuem no que concerne a suas relações e modos de lidar com fenômenos. Diferentemente dos grandes centros urbanos, nas cidades pequenas, há formas de relacionamento mais próximas, com melhores trocas afetivas e de suporte (Vargas, 2016). Tal característica é um fator que dificulta o ajuste ao isolamento proposto pelos órgãos de saúde, bem como as crenças consolidadas entre as pessoas que compartilham aquela realidade, como aponta o estudo de Lima, et al. (2020).

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este estudo discorre sobre crianças no período posterior ao do distanciamento físico ocorrido em virtude da pandemia da COVID-19. Dessa forma, é necessário iniciar explicitando quem são as crianças, ou melhor, qual a concepção de criança que se tem e qual o lugar da infância nesse trabalho. Sarmento (2003, p. 4) pensando sobre o conceito da infância moderna, fala sobre a inserção social das crianças a partir dos papéis que lhes são impostos pela família nuclear e pela escola, institucionalizando-as no contexto social. Para Carvalho, Pedrosa e Rossetti-Ferreira (2012, p. 203): “A criança é um artista e um cientista potencial, que pode desabrochar se lhe for permitido e se for esse o caminho que vai se abrir à sua frente”.

A criança é concebida como construtora de seu desenvolvimento: ela dá mostras de que atua com o parceiro de acordo com o que ela sabe sobre o entorno social (CORSARO, 2009); coopera para construir empreendimento lúdico (LIRA; PEDROSA, 2019); comunica-se, mesmo bem pequena, com os recursos de que dispõe, criando trocas interativas e criativas (ROSSETTI-FERREIRA, et al, 2008); maneja situações adversas para evitar conflitos com os parceiros (GOMES; PEDROSA, 2021); e demonstra muitas outras habilidades. Como afirma Sarmento (2005), é necessário haver uma emancipação do conceito de infância, ou seja, deixar de concebê-la como uma fase de preparação para algo maior e, sim, compreendê-la como um período de necessidades específicas, mas também de protagonismos na busca de soluções ajustadas às situações que compartilham.

Corsaro (2011) denomina “reprodução interpretativa” o modo de as crianças agirem em seu meio social, conseguindo, com as trocas entre pares, novos padrões relacionais. As crianças apreendem as informações dos outros à sua volta e respondem ativamente de acordo com seus próprios interesses; emergem, assim, novas possibilidades de ação e interação e, deste modo, o caráter criativo de suas interações é realçado.

A interação da criança com seus parceiros ocorre, prioritariamente, por meio da brincadeira. É nessa atividade que ela “ensaia” suas relações com as outras, ao mesmo tempo que faz uso de novas possibilidades de ação e experiencia modos de existir e de se comportar – uma espécie de apropriação de si mesma. O brincar se constitui como um importante lugar para se desenvolver e enfrentar novos desafios (PEDROSA, PEREIRA, MELLO, 2018).

Existem inúmeras questões sobre a importância do brincar, e por isso cada vez mais pesquisadores se debruçam sobre essa temática no intento de melhor compreendê-la. A

perspectiva evolucionista aponta a brincadeira como parte das vivências de muitos animais, inclusive de diversos mamíferos, e discute a pluralidade e desdobramentos que emergem dessa atividade, muitas vezes emergindo o brincar não realísticos, que é o brincar usando a imaginação (BICHARA, LORDELO, MAGALHÃES, 2018).

Entender a brincadeira como uma atividade relevante para a conquista da função de representação – função semiótica –, para as vivências socioafetivas e para o aprimoramento motor das crianças implica considerar o status privilegiado da brincadeira na vida dos infantes (OLIVEIRA, 2008). E como as crianças se envolvem nas brincadeiras? Quais as significações que têm sobre essa atividade? Ou quais significações trazem para seus empreendimentos lúdicos? Para responder a essas questões nós temos de conversar com as crianças e observá-las brincando com seus parceiros.

A brincadeira constitui o ser humano, e não apenas ele; diversos animais brincam, especialmente os da ordem dos primatas (LUCENA; PEDROSA, 2021). E esse ato tão comum, esconde em si uma potencialidade: a da troca social, onde os atores, por meio da brincadeira, se fazem entender criando possibilidades e formas de anunciar seu espaço no mundo. Desde o nascimento, a criança é envolvida nessa troca social, primeiramente pelas principais figuras de apoio, a mãe na maioria dos casos, e ao passar do tempo pelas figuras de confiança que vão se apresentando a ela (CARVALHO, PEDROSA, ROSSETTI-FERREIRA 2012).

Esse vínculo interativo do brincar, iniciado entre a criança e sua mãe, logo passa também a ser ajustado a outro par, semelhante a si, partilhando o interesse, desde muito pequenas, por esses outros parceiros, mais próximos pela idade do que os adultos a sua volta. E é com essas trocas entre si, que os pequenos não apenas aproveitam os momentos com boas risadas, mas circunscrevem um espaço, a nível interacional, de aprendizagem e criação; é junto com os parceiros interativos que o ser humano apreende o meio e o significa (CARVALHO, PEDROSA, ROSSETTI-FERREIRA 2012). “As crianças brincam porque gostam; brincando elas aprendem, constroem ou transformam objetos em cooperação com o outro, como se estivessem realizando verdadeiros experimentos” (CARVALHO, PEDROSA, ROSSETTI-FERREIRA, 2012, p. 188).

As experiências das crianças no mundo são perpassadas por suas trocas interacionais. Para melhor compreensão sobre essas trocas e como elas fazem parte de um processo intrínseco ao desenvolvimento, faz-se necessário apresentar como os mecanismos de interação social humana agem (CARVALHO, PEDROSA, ROSSETTI-FERREIRA 2012). O confronto

conhecido/desconhecido, atração pelo similar e a relação criança/objeto, criança/pessoas, são alguns dos mecanismos que serão discutidos a seguir com base nessas autoras.

O confronto conhecido/desconhecido se dá pela forma como a criança se encontra, como se aproxima e se percebe na situação com outros atores sociais. Se as crianças não possuem cotidianamente o convívio com outras crianças, então serão os adultos seus parceiros privilegiados. Porém, isso não a impede de estabelecer novas relações ao iniciar o contato com seus pares; ao contrário, a impele a observá-los e aos poucos se inserir no grupo. Também assim ocorre com as crianças que já têm irmãos e por isso, desde sempre, vivencia experiência interacional com outras crianças; estas por sua vez, também interagem com parceiros de idade similar.

A atração pelo similar é outro mecanismo desencadeado pelo confronto entre o conhecido e desconhecido, acima explicitado. Tal atração, é uma forma de as crianças se orientarem em suas relações com os parceiros que apresentam características semelhantes a si próprias; essa preferência vai acompanhar os seres humanos em todas as fases de sua vida, sendo sempre contornado pela necessidade básica de segurança, mas guiada pela procura e atração pelo novo.

As autoras mencionadas ainda discutem que a relação das crianças com o objeto e com as outras pessoas é algo muito estudado e questionado, tendo em vista que é só observar crianças brincando que se nota a preferência pelo brinquedo por mais de uma delas ao mesmo tempo. A valoração do brinquedo é mediada pela criança que a possui; por isso o valor do brinquedo implica na relação que a criança tem com a outra que está com o brinquedo. O simples fato de o brinquedo estar com determinada criança pode dar a ele um interesse maior por parte dos demais, demonstrando que os objetos estão para a relação social como meio de comunicação/ação.

Outra discussão propiciada por Carvalho et al. (2012) é o lugar onde ocorrem as trocas interacionais, ou seja, o meio que circunscreve essas ações coletivas. O meio é compreendido a partir das influências e implicações na vida da criança em desenvolvimento. Ou seja, o meio influencia o desenvolvimento, instigando uma dinâmica própria, manejada diferentemente em cada fase da vida da criança (PINO, 2010).

A questão do ambiente também é trazida por Vygotsky através de Van Der Veer e Valsiner (2001); para ele, a estrutura do ambiente não tem significância maior que o modo como a criança se entrega às suas vivências pessoais. Essa interação, meio-criança, acontece no sentido de emergir as construções psíquicas e favorecer o enriquecimento do repertório de

experiências interpessoais e intrapessoais; sendo essa troca interacional necessária para o desenvolvimento.

Unindo-se ao olhar da teoria sociointeracional de Vygotsky (1982) e do brincar infantil buscar-se-á fazer uma investigação instigando as crianças a relatarem suas experiências durante a pandemia da COVID-19, em uma roda de conversa com seus pares no ambiente escolar, após o retorno das atividades presenciais. Tendo noção do distanciamento de seus pares, é importante questionar as novas formas de linguagem e construção de si que se deram pós-período de isolamento físico da pandemia, já que de acordo com esse teórico o desenvolvimento humano se dá no meio social e por meio dele, sendo fundamentado pela aprendizagem e pela linguagem.

As medidas de distanciamento/isolamento físico introduziram uma desordem de lugares e papéis. O cotidiano não apenas foi desorganizado, mas passou a ser legitimado e reinventado pela criança, que no período do isolamento físico protagonizou diferentes atividades no tempo que antes era ocupado pelas vivências escolares (GUIZZO, MARCELLO, MULLER, 2020). Esse protagonismo revela o não assujeitamento a imposições tão comuns nas infâncias e tão presenciado na pandemia, como as dificuldades claras em se adequar aos padrões escolares remotos; não só as crianças, mas todos os que se envolveram nessa realidade online um tanto disciplinadora.

A criança utiliza-se de diversos espaços nessa construção diária de si, que contempla o seu desenvolvimento satisfatório. A escola é um desses lugares, que preenche a seu modo suas necessidades, sejam elas de ordem emocional, social ou de apropriação de si mesma (LIRA, PEDROSA, 2019).

2.1 Infâncias e participação política

Olle Adolphson, escritor sueco, expressou em uma de suas canções que "as crianças são um povo e vivem num país estrangeiro", uma referência perspicaz para refletir sobre a maneira como os adultos percebem as crianças. Esse ponto de vista, influenciado pela autoridade que a idade adulta detém, muitas vezes negligencia o papel ativo das crianças e adolescentes e reforça a supremacia dos adultos na sociedade. Esse fenômeno é descrito por vários autores como "adultismo", um conceito que está gradualmente sendo reconhecido e estudado (BELL, 1995).

Imperceptível para as autoridades e para a maioria da população, a negligência em relação às necessidades das crianças, como aponta Liebel (2013), não é oficialmente reconhecida como um problema legitimado pelos adultos, que se sobressaem em relação às infâncias. Dessa forma, ao se falar sobre a pandemia, sobre as crianças e suas vivências, é imprescindível focar o contexto e as reverberações por elas produzidas dando-lhes espaço em um projeto político, de modo que suas percepções e concepções integrem o conjunto de questões comuns a toda a população.

Ao refletir sobre a percepção das crianças em nossa sociedade, é crucial considerar como elas foram abordadas durante a pandemia. Nesse sentido, é importante investigar quais decretos e comunicados foram especificamente direcionados às crianças pelos órgãos competentes. Além disso, é relevante analisar a conduta orientadora que anteviu como as leis sanitárias poderiam afetar as crianças e propôs medidas para mitigar eventuais impactos negativos. Ratusniak, Mafra e Silva (2020) corroboram com a constatação de que não há, nos planos de contingência das três esferas do poder público – nacional, estadual ou municipal – normativas que se refiram explicitamente às crianças. Ademais, é fundamental examinar de que maneira as secretarias de educação proporcionaram espaço para que as crianças expressassem suas opiniões e participassem da construção de métodos de aprendizagem durante o período de distanciamento social. É crucial considerar todas essas questões para nos tornarmos atentos ao protagonismo infantil, evitando que as crianças sejam suprimidas pelo poder central dos adultos e possamos lhes assegurar uma abordagem mais inclusiva e sensível às suas necessidades.

Embora previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), o direito de ser protegida contra qualquer forma de negligência não foi efetivamente garantido durante a pandemia, como indicam diversos relatórios que destacaram o aumento da violência intrafamiliar (BRASIL, 2021). A Aliança para Proteção da Criança em Ações Humanitárias (2020) elaborou um documento intitulado "Proteção da Criança durante a Pandemia do Coronavírus", que lista ações prioritárias para proteger as crianças. No entanto, a generalidade dessas diretrizes dificultou a implementação de medidas considerando a diversidade das infâncias no Brasil.

Como abordar a garantia de direitos quando há uma tentativa de minimizar os possíveis impactos que o estado pandêmico poderia causar às crianças? Segundo Qvortrup (1999, 2011), a participação da infância na política e na sociedade é uma realidade. Portanto, o impacto de eventos que envolvam toda a sociedade, mesmo que não diretamente direcionados a elas, as afeta. Ao compreendermos que as crianças são minimamente afetadas

pelos níveis de infecção e agravamento pelo vírus, surge a premissa de que o foco não deve ser direcionado às suas questões. No entanto, é necessário levar em conta todos os outros agravamentos e consequências que a população em geral sofreu, incluindo os infantes.

Um aspecto de extrema relevância para se refletir sobre as infâncias em nosso país diz respeito à desigualdade social, uma realidade que ganhou outra dimensão durante a pandemia da COVID-19. É ilusório pensar que todos padeceram da mesma forma pelo mesmo mal, o vírus. A variabilidade de situações e vulnerabilidades – atravessadas por questões de raça, gênero e classe social –, delimitou as possibilidades de vida diante do cenário amedrontador da pandemia. Esses marcadores sociais que influenciam as esferas política, social e econômica também permeiam a realidade das crianças, que já se encontram inseridas nessa linha de produção (ARROYO, 2019).

Neste cenário, algumas questões recebem uma atenção detalhada, como, por exemplo, a maneira como as crianças são percebidas e integradas dentro de suas estruturas sociais. Benjamim (2009) indicava que a coletividade infantil é reconhecida e apoiada pelas classes trabalhadoras, o que não ocorre de forma tão evidente na burguesia. Esse ponto de vista nos leva a questionar os critérios utilizados para avaliar e incluir as crianças e suas culturas na produção social. Uma vez que a produtividade infantil não é valorizada, surge a questão: os centros de poder se valem de algum termo para hierarquizar e marginalizar a participação da criança?

“Os adultos, naturalmente, são rápidos para descartar ideias, conhecimentos e contribuições da cultura das crianças o tempo todo (CORSARO 2011, p. 65)”. Orientados pela perspectiva da infância em direção à vida adulta, as crianças são frequentemente vistas apenas como em processo de desenvolvimento para algo futuro, em vez de serem incentivadas a expressarem-se através de suas próprias culturas. Estas culturas próprias permitem que elas criem, intervenham e participem de seu entorno. No entanto, persiste a ideia de colocá-las no papel de obedecer a uma autoridade adultocêntrica.

Eu sou criança e quero escola
Nela aprender e brincar de bola
Sou Sem Terrinha já sei lutar
Quero o direito de estudar.
Na minha escola vou aprender
A contar as histórias do meu povo
Semear as sementes do amanhã
E também colher.
Rosane de Souza (1999)¹

¹ Poema premiado no Concurso Nacional Feliz Aniversário MST, 1999 (ITERRA, 2001, p. 61)

A participação política das crianças e seus apelos sociais é influenciada pela maneira como seu círculo social é circunscrito. Exemplo disso é a construção de infâncias permeadas por movimentos sociais que ratificam o protagonismo de crianças e de adolescentes que, como Rosane, autora do poema acima citado, entendem seu papel na escola, na política e no direito de brincar. O MST, Movimento dos Sem-Terra, do qual ela faz parte, legitima Benjamim (2009), ao reconhecer a atuação política das crianças, possibilitando-as serem ouvidas e também inventoras de novas formas de se organizarem socialmente (RAMOS, LEITE, REZENDE, 2020).

2.2 Proteção ou risco? A realidade das crianças em isolamento social

A proteção das crianças é um dever do Estado, assegurado pela Constituição de 1988, no artigo 227, “É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, [...] além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”. Diante dessa premissa, como o Estado acompanhou e efetivou o direito dessas crianças durante o período da pandemia da COVID-19? Fora do ambiente escolar, o papel fundamental que a escola desempenha no fornecimento de conhecimento e no combate às violências sofridas pelas crianças torna-se inativo (LYRA, CONSTANTINO, FERREIRA, 2010).

Recaindo sobre as crianças o peso de inúmeras incertezas que a pandemia provocou, as soluções encontradas momentaneamente culminaram em práticas que não favoreceram o seu protagonismo, tendo em vista a impossibilidade de o ensino remoto/virtual facilitar dinâmicas importantes de cunho grupal e social, como é comum na educação infantil (GONÇALVES, BRITTO, 2020). Sobre isso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é enfática ao dizer que as experiências no ambiente escolar são importantes; neste ambiente as trocas com os pares, com os adultos e o meio escolar em geral abrem às crianças uma nova malha vivencial que lhes permitem uma constituição mais abrangente de si e de seu entorno (BRASIL, 2017).

Se as perdas já são incontáveis com a insegurança pelo vírus e com o fechamento das escolas e a carência de informações seguras, junta-se a isso a disparidade existente entre as camadas sociais da população brasileira. Foram realidades distintas, como sempre, recai sobre as crianças pobres e de áreas periféricas o maior desafio: sobreviver e aprender em condições insalubres. Thompson (2020) ratifica a grande diferença entre os serviços educacionais

oferecidos pelas escolas públicas e privadas, tornando mais nítida a desigualdade social existente, que foi exacerbada durante a pandemia.

Martín e Rogero (2020) fazem uma analogia interessante ao refletir sobre o acesso e eficácia de métodos educacionais, chamando de "respiradores educacionais". O autor aponta para a dificuldade de as crianças encontrarem suporte em seus pais ou responsáveis em casa, levando em consideração que muitos não possuem sequer a educação básica (AVELINO, MENDES, 2020). Esse suporte é mais um atravessador que se conecta a outras inúmeras circunstâncias sociais que trazem mais percalços ao avanço no processo de aprendizagem das crianças afastadas da escola.

Discorrer sobre o suporte familiar ao mencionar o percurso educacional das crianças só é pertinente se essa análise contemplar outro aspecto comum de desigualdade no Brasil: o de gênero. Segundo dados do IBGE de 2018, dentre as famílias com crianças de até 14 anos, 11 milhões são chefiadas por mulheres. Estas, sobrecarregadas pelos diversos papéis que desempenham, encaram na pandemia mais um obstáculo a ser superado.

Escolas fechadas, trabalhos suspensos, as mulheres passaram a desempenhar o papel de não apenas educar, cuidar e prover as necessidades de suas famílias em tempos de crise, como já visto em outros momentos de colapso, apontam os autores Wenham, Smith e Morgan (2020). Na pandemia da COVID-19 não foi diferente, uma nova sobrecarga se aliou à realidade de mães e chefes de família, que exercendo um trabalho árduo, não remunerado, carregam a responsabilidade das crianças, sua educação e saúde nas costas (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU MULHERES, 2020).

Nesse contexto, um provérbio africano amplamente reconhecido, cuja autoria é desconhecida, ressoa com particular relevância: "é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança". Esta máxima se mostra especialmente pertinente quando contrastada com a realidade atual, na qual cada família se encontra isolada como uma ilha, especialmente aquelas em situação de vulnerabilidade e violência. Estas famílias, distantes dos recursos educacionais que proporcionam ambientes alternativos e seguros para suas crianças, enfrentaram a dura realidade da pandemia, que recaiu de maneira abrupta e intensamente sobre as mulheres e seus filhos.

Num cenário complexo, com muitas ressonâncias e questões não resolvidas, como pensar e desejar outras formas de resistência? Para isso, foi preciso o aprimoramento do olhar para os cenários que se abriam na continuidade da pandemia – vacina, mudança de governo – elementos colaborativos para acreditar no alcance da vida com dignidade. É a esperança o tempero para tempos difíceis de engolir, como apontada por Freire (2011, p. 71): "[...] a

esperança é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria história, mas puro determinismo”.

2.3 Crianças e pandemia: o que as pesquisas apontam

A pandemia, fenômeno macro que reorganizou as perspectivas de vida no planeta, tonou-se ponto de preocupação de todas as sociedades e instigou um conjunto de estudos sobre este tema. As preocupações foram de diversos tipos, desde as características do vírus, suas origens, modos de infecção e grau de letalidade, até procedimentos para combatê-lo, modos de se proteger do vírus, vacinas, efeitos físicos e psicológicos decorrentes da infecção e caminho da cura quando possível ou da minimização de seus efeitos. As crianças também foram vítimas da pandemia, principalmente a vulnerabilidade ao isolamento físico, o que causou até o fechamento das escolas por um bom período.

Iniciada na China, especificamente em Wuhan, a pandemia alarmou a comunidade científica, inicialmente pela sua potência letal e sua rápida capacidade de propagação. Observou-se a existência de grupos potencialmente prioritários, como o caso dos idosos, que respondiam de maneira ineficaz ao vírus, adoecendo e agravando os sintomas de modo mais crítico, se comparado ao grupo das crianças, que apesar de terem a mesma probabilidade de serem infectadas, seus casos não evoluíam para o agravamento da mesma forma (JIAO et al., 2020).

Os fatores probabilísticos, que indicaram as crianças como grupos menos suscetíveis ao agravamento e letalidade do vírus, não enfatizaram os riscos decorrentes de fatores emocionais, que interferiram e deram novos desdobramentos a realidade de toda a população mundial. A mudança de rotina, afastamento da escola, paradigmas sociais, relacionados à alimentação, moradia e trabalho impostos pelo isolamento físico e distanciamento social, foram pontos cruciais que marcaram e intensificaram outros conflitos adoecedores que não foram, inicialmente, pensados pelos órgãos de saúde.

A pesquisa de Jiao et al. (2020), divulgada pela Revista de Pediatria da Associação Europeia de Pediatria, aponta já em junho do ano de 2020 que as crianças estão sentindo os efeitos da pandemia e do isolamento. O medo e a incerteza pelo que estava acontecendo apareciam nos dados obtidos pelos estudos; também outros efeitos que provocavam alterações a nível emocional e comportamental foram identificados. Como conclusão, os pediatras pesquisadores, que em Shaanxi, na China, acompanhavam a realidade das crianças e

adolescentes, indicaram o quanto a promoção de atividades que envolvam comunicação, colaboração e atividade física poderiam ser diferenciais para o atravessamento dessa fase.

Se em junho de 2020 já se apontava que o isolamento e a insegurança poderiam causar diversos malefícios emocionais para as crianças, cada vez mais esses dados foram sendo analisados e estudados para melhor discernimento e iniciativas de saúde pública, que pudessem contribuir com o desenvolvimento saudável na infância. Importante mencionar que as pesquisas iniciais de determinado fenômeno tomam como base construtos anteriormente estudados e comprovados, como é o caso da saúde mental de crianças na pandemia, que para compreender essa temática não recorrente, devido a raridade do fato, reportam-se às construções anteriores sobre estresse psicológico por eventos negativos (HAN, LEE, 2018).

“Como fazer pesquisa com crianças em tempos de pandemia? Perguntemos a elas”; Hartmann (2020) provoca a comunidade de pesquisadores ao lançar um artigo com esse título. Com o intuito de colaborar com a construção de pesquisas com crianças, a autora reitera a importância do protagonismo infantil, que só é possível a partir da escuta do que elas dizem e constroem na realidade em que vivem.

Falar sobre as crianças sem elas é colocá-las no espaço de objeto, que não as pertence; os múltiplos formatos que constroem pesquisas não dão conta do sujeito ativo e participativo que é por direito cabível aos infantes. Soares, Sarmento e Tomás (2005) trazem eficientemente contribuições a partir da sociologia da infância, denotando o poder interpretativo que as crianças possuem acerca dos eventos que estão no seu entorno. Ao utilizar meios metodológicos que apoiam a participação delas enquanto detentoras de saber, é resguardada a sua posição produtora da sociedade em transformação.

Muitas investigações debruçaram-se nas experiências construídas e compreendidas pelas crianças no período pandêmico. Foi instigador perceber a importância da temática e desdobramentos que os atravessamentos ocasionados pelo vírus trouxeram à realidade dos infantes, não apenas no Brasil. Para título de informação, na Espanha, Muñoz, Pascual e Velásquez (2020) apresentaram um relatório intitulado “Infância confinada”, no qual trazem as experiências de crianças sobre como estavam vivendo esse período difícil; no México, Melgarejo e Linares (2021), em seu livro “Infâncias, vozes e esperanças diante do confinamento da COVID-19 no México”, trazem relatos sobre a pandemia na perspectiva de crianças indígenas.

Um número da Revista Sociedade e Infâncias, de 2020, conta com 24 publicações, em sua quarta edição, que tratam dos possíveis impactos ocasionados pela pandemia; com pesquisas da América Latina e Portugal. Narrações sobre o incômodo com o vírus, educação e

organizações comunitárias na pandemia, as crianças pré-escolares e o uso das mídias e o confinamento da infância para além da pandemia, são os principais trabalhos apresentados nesse exemplar. Sob o olhar de pesquisadores de diferentes nações, a pandemia e a infância tornaram-se foco de uma grande problemática para a reorganização social do mundo pós-covid.

Aqui no Brasil, a revista *Zero-a-Seis* trouxe um dossiê especial sobre a temática com o título “As crianças e suas infâncias em tempos de pandemia”. De forma provocativa, o artigo que encabeça todo o editorial (ANJOS, PEREIRA, 2021), traz reverberações sob o âmbito político, social e individual de cada pessoa imersa na realidade pandêmica; de modo particular, enfatiza a necessidade do olhar para o humano, em sua temporalidade de infância. Segundo Kohan (2018) “[é] intensivo, experiencial, o tempo do brincar, do pensar [...]” (p. 86).

Sabendo dos inúmeros Brasis que existem dentro do território brasileiro, com toda a sua multiculturalidade e privilegiados lugares de fala, o dossiê, acima mencionado, traz artigos que potencializam a voz de diferentes povos deste país. Os estudos de Franco e Soares (2020) apontam as reinvenções do cotidiano de famílias negras durante a pandemia, que, com mútuo empenho entre si e organizações não governamentais (ONG), buscaram lançar mão de estratégias que garantiriam às suas crianças, mães e comunidades a tão sonhada igualdade racial.

Outro artigo que integra o dossiê da revista *Zero-a-Seis*, é o intitulado “(In)visíveis? Crianças quilombolas e a necropolítica da infância no Brasil”, de Souza (2020). A invisibilidade desse povo, já marca sua trajetória de luta, porém, se intensifica no período em que o vírus da COVID-19 assombra toda a população, deixando ainda mais exacerbada a histórica marca de desigualdade para com as crianças quilombolas, bem como seu povo. A autora esclarece a necessidade de se pensar a pluralidade de infâncias, principalmente quando estas, de modo único, fundamentam-se na relação com sua historicidade coletiva.

Sob a metáfora da travessia, que se coloca sobre o processo de atravessamento da pandemia, Ratusniak, Mafra e Silva (2020) trazem em seu artigo, uma potente provocação quanto às infâncias amazonenses. O texto aponta para a negligência no que concerne às crianças em suas singularidades, se adultos e crianças são vistas como plurais e de subjetividades múltiplas, o Estado falhou ao não abordar nos planos de contingência as crianças a partir de suas especificidades originárias. Os autores reafirmam a necessidade de olhar para o povo amazonense, nas suas infâncias, para que haja garantia efetivada do direito à vida.

3 OBJETIVOS

Geral:

Investigar a compreensão de crianças de seis anos sobre a pandemia da COVID-19, a partir de seus relatos após o período de distanciamento físico, bem como suas vivências ao retornarem à escola.

Específicos:

Descrever, a partir dos relatos das crianças, como elas vivenciaram o período de distanciamento físico durante a pandemia: o que faziam, como brincavam, o que sentiam e o que gostariam de fazer, mas não podiam.

Examinar as significações atribuídas pelas crianças ao Coronavírus, ao processo de disseminação do vírus, à prevenção à infecção e ao próprio distanciamento físico em decorrência da pandemia da COVID-19.

Identificar especificidades de vivências da pandemia em uma cidade de interior de pequeno porte na região Nordeste (com cerca de 19 mil habitantes), de modo considerar as peculiaridades de comportamentos no enfrentamento da pandemia nesta localidade.

4 MÉTODO

As questões propostas nos objetivos desta pesquisa implicam considerar o método em perspectiva com a teoria que lhe dá suporte. De acordo com Carvalho, Império-Hamburger e Pedrosa (1999, p. 295), “método é um pensamento sistemático que se constitui na imbricação entre teoria e dados”. Seguindo essa linha de pensamento, entende-se a importância do método como um caminho coerente para o alcance dos dados na pesquisa científica.

De acordo com Perrone (1977), o método é importante tanto na busca de resultados, como na compreensão dos achados, tendo em vista que dada a sua boa aplicabilidade, ele pode fornecer perspectivas novas para o objeto de estudo. A pesquisa pode ser caracterizada como qualitativa, pois usou um procedimento de conversar livremente sobre um tema. Para tal, a pesquisadora promoveu um encontro, dentro do horário em que elas frequentavam a escola para conversarem sobre pandemia da COVID-19. Esse encontro ocorreu na volta às aulas e correspondeu à atividade cotidiana chamada de Rodinha de Conversas. Houve nesse encontro, a liberdade de expressão da criança e consideração do seu protagonismo.

4.1 Local da pesquisa

A pesquisa aconteceu em uma escola pública, em um município do interior do agreste de Pernambuco. A unidade educacional conta com 12 turmas de ensino fundamental I, com sete turmas em período matutino e mais cinco em período vespertino; nos dois turnos, as turmas vão do 1º ao 5º ano.

A escola atende a crianças de famílias de camada de renda média e baixa e está localizada na área urbana da cidade. O espaço da instituição é formado por sete salas de atividades (salas de aula) em tamanho médio, sala de apoio, sala da secretaria, diretoria, cozinha, dois banheiros, almoxarifado, sala da coordenação, depósito de material pedagógico, sala de professores, sala de recepção, um pátio interno coberto, área externa, garagem e quadra de esportes. Além da diretora, há uma coordenadora, 12 professoras, duas serventes, duas cozinheiras, duas pessoas encarregadas das atividades administrativas, seis auxiliares de sala e uma professora de reforço, compondo assim o quadro de funcionários.

4.2 Participantes

Os participantes desse estudo foram as crianças matriculadas no 1º ano do ensino fundamental I, oriundas da pré-escola do município; esta se localiza no mesmo bairro da escola municipal onde foi realizada a pesquisa. Participaram 13 alunos do 1º ano do turno da manhã e 18 alunos do turno da tarde. No ano anterior, em 2022, elas estavam matriculadas no 2º ano da pré-escola e iniciaram atividades no ensino remoto, durante o período de isolamento físico. No ano da coleta de dados, em fevereiro de 2023, essas crianças estavam no 1º ano do ensino fundamental I.

O quantitativo de crianças participantes da pesquisa foi ajustado à realidade da instituição educacional na ocasião da coleta de dados. Foi feito um contato inicial informal com a diretora da escola, para ter informações básicas sobre a realidade da instituição, bem como as características necessárias para descrição no projeto, por isso os dados mencionados são precisos.

4.3 Recrutamento dos Participantes

O recrutamento dos participantes se deu por meio da instituição educacional. A diretora da escola disponibilizou a relação das crianças matriculadas e o contato dos pais ou responsáveis para que eles pudessem ser procurados pela pesquisadora a fim de conversar sobre os objetivos da investigação e os procedimentos que seriam seguidos. Após o contato inicial, os pais e responsáveis que concordaram com a pesquisa, autorizaram a participação dos filhos, assinando os termos necessários.

4.4 Instrumentos utilizados

Considerando as inúmeras possibilidades que uma roda de conversa pode proporcionar, utilizou-se esse recurso como instrumento de coleta de dados, conforme destacado por Silva (2016) em relação à relevância que essa ferramenta possui no que diz respeito às trocas de experiências das crianças. A pesquisadora mediou a conversa entre as crianças, proporcionando-lhes espaço para compartilhar um pouco sobre suas vivências durante o período de isolamento físico (distanciamento social). Este diálogo constituiu um

momento valioso de expressão de sentimentos e afetos, os quais foram registrados por meio de gravações.

Cada roda de conversa foi conduzida mediante o uso de perguntas-guia, com o objetivo de envolver as crianças em uma troca dinâmica, semelhante às conversas cotidianas sobre outros temas na sala de aula. A pesquisadora liderou a atividade, seguindo as perguntas previamente planejadas (perguntas-guia) e elaborando outras com base nas contribuições das crianças. As crianças participantes foram direcionadas para uma sala de apoio, previamente designada pela escola, onde toda a coleta de dados foi realizada.

O roteiro de perguntas utilizado foi o seguinte: "Vocês se lembram quando todo mundo falava 'Pandemia'?" "O que foi a pandemia?" "O que é COVID?" "Por que todo mundo precisou ficar dentro de casa?" "O que foi preciso fazer para não ficar doente?" "Como foi voltar para a escola depois de tanto tempo?" "O que vocês faziam nesse tempo sem sair de casa?" "Com quem vocês brincavam quando não podiam sair de casa?" Essas perguntas-guia ajudaram as crianças a expressarem suas vivências relacionadas à temática da pandemia.

Como mediadora dos grupos, a pesquisadora, em alguns momentos da conversa, reformulou e acrescentou questões para garantir que as crianças compreendessem e se envolvessem da melhor forma possível no estudo. Esse processo de recalcular a rota do diálogo, faz sentido em pesquisas com crianças, tendo em vista que é imprescindível para o pesquisador, se permitir não possuir o controle, para que seja dado às crianças participantes o poder de também de elas redirecionarem a conversa a partir de suas individualidades (Hartmann, 2020).

4.5 Procedimentos para coleta de dados

O estudo, com foco no público infantil, possui suas particularidades, incluindo a maneira como os dados são coletados. Para esse fim, a conversa foi conduzida em rodas de conversa com as crianças, a partir de pequenos agrupamentos com cinco a seis integrantes. Cada grupo participou de uma atividade com duração média de 20 minutos, e todos os momentos foram registrados em vídeo pela assistente de pesquisa. Ao todo, existiram 6 grupos de rodas de conversa.

A subdivisão do grande grupo em pequenos grupos ocorreu visando a otimização da captação do áudio na videogravação. Reduzir o número de crianças por grupo, em comparação com o total da sala, minimiza o ruído na gravação, facilitando a compreensão de

suas falas. Além disso, um grupo menor proporciona um ambiente mais propício para que todas as crianças participem, especialmente aquelas com dificuldades em se expressar em público. Enquanto um dos grupos participava da roda de conversa com a pesquisadora, as outras crianças permaneceram na sala de aula com a professora.

É preciso “... capturar múltiplas pistas visuais e auditivas que vão de expressões faciais a diagramas no quadro-negro [...] (O vídeo) é menos sujeito ao viés do observador que anotações baseadas em observação” (ROSCELLE, JORDAN, GREENO, KATZENBERG E DEL CARLO, 1991). Esta citação demonstra a densidade de informações que se pôde produzir com o uso da videogravação.

4.6 Análise e processamento dos dados

Todos os registros da observação foram assistidos inúmeras vezes, indicando-se os trechos que tinham potencial interesse para análise, ou seja, trechos em que as crianças expressaram sentimentos e concepções sobre o período de isolamento físico em decorrência da pandemia, e o que elas apreenderam sobre a própria pandemia. Em seguida, foi feito um recorte desses trechos que foram chamados de episódios – os recortes transcritos e analisados. Por fim, realizou-se uma análise microgenética dos episódios – análise minuciosa (falas, gestos, vocalizações, expressões faciais, movimentação etc., tudo que pode servir de pista para capturar as significações das crianças), de modo qualitativo. Essa sequência de passos foi explicitada por Pedrosa e Carvalho (2005), que sistematizaram o procedimento a ser seguido para o alcance dos objetivos visando a uma análise interacional. A análise microgenética é de suma importância para alçar os processos que emergem das interações de pares, ou seja, com esse tipo de análise especificam-se as minúcias de todo o comportamento verbal, gestual e fisionômico das crianças, buscando alçar as significações de suas ações (BARBOSA; VAZ, 2019).

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo em vista o objetivo da pesquisa – investigar a compreensão de crianças pré-escolares sobre a pandemia da COVID-19, bem como identificar o sentimento do reencontro dos parceiros e de expectativas com a volta à escola e retomada das atividades – foi descrito, no capítulo anterior, o procedimento seguido para o trabalho investigativo de coleta de dados. Neste capítulo serão analisados e discutidos os dados obtidos na pesquisa, sem esquecer de que “dados” não são todas as observações feitas ou todas as falas das crianças na situação de observação; dados são as falas, risos, expressões fisionômicas, movimentos e gestos, resmungos etc., ou seja, comportamentos que contém, para o pesquisador, indícios de compreensões e aprendizagens, no caso, sobre a pandemia. É o pesquisador que eleva esses comportamentos para a categoria de dados, a fim de capturar de sua observação e descrição os sentidos, as concepções e competências das crianças, todos esses construtos teóricos com os quais a Psicologia busca compreender o fenômeno em foco (Carvalho, Império-Hamburger, Pedrosa, 1999).

Para entender o que as crianças pensam sobre algo, é necessário ouvi-las, em primeira pessoa, e com interesse genuíno, pois há nelas todas as respostas sobre a compreensão e avaliação dos eventos os quais participam e sobre si mesmas. Diante disso, assistimos, diversas vezes, as videogravações que fizemos das rodas de conversas com os seis grupos, tentando penetrar em suas falas e em seus sentimentos. Nessa fase, ficamos livres para seguir pistas que surgiam e pareciam relevantes ao trabalho. Foi um período de aproximação com as significações das crianças e fizemos algumas anotações de possíveis agrupamentos de falas que poderiam ser úteis para a organização dos resultados encontrados. Somente, então, iniciamos uma articulação entre os comportamentos das crianças, principalmente suas falas, e suas possíveis significações dentro da literatura científica.

5.1 Como as crianças caracterizam o vírus

A primeira dimensão que iremos apresentar e discutir neste tópico é o que as crianças entendem por coronavírus e por pandemia. As perguntas que deram o mote para início das rodinhas de conversa foram: “O que é pandemia?” e “O que é coronavírus?” dando margem

para cada uma se expressar à sua maneira e responder de acordo com seu nível de entendimento e desenvolvimento.

“Coronaveuris”

Covid é a junção de letras que se referem à (co)rona (vi)rus (d)isease. “*Coronaveuris*”, “*corona*”, “*coronavírus*” foram alguns dos termos usados pelas crianças da pesquisa ao referirem-se ao que seria a pandemia. De certo, o vírus SARS-CoV-2, causador da maior emergência de saúde dos últimos cem anos, tornou-se tão real e vívido no dia a dia de cada uma delas, que termos como esses não apenas se tornaram comuns em suas falas, como são apelidados, com gírias, ratificando o caráter próximo do vírus. Mesmo estando distante do conhecimento real do que seria, as crianças repetem e difundem a ideia do vírus como semelhante e decorrente ao evento pandêmico. Vejam esse trecho de diálogo que ocorreu na rodinha do grupo 2 e permite observar o entrelaçamento que as crianças fazem entre vírus, covid e pandemia; elas reconhecem muita proximidade entre esses termos no dia a dia e, portanto, confundem essas palavras em suas explicações:

Ava: Pandemia é um negócio que é covid.

Pesq.: Ah, um negócio que é covid. E o que é covid?

Ava: Covid é uma doença.

Lívia: Não, covid é um vírus.

Na explicação de Ava, pandemia, covid e doença seriam uma coisa só, ou pelo menos, são termos que se explicam e podem ser intercambiados. Tal generalização não se distancia do modo como foram tratados, pois, o vírus (SARS-CoV-2) culminou na pandemia, porém a diferenciação de ambos está intimamente ligada à compreensão de que são dois fenômenos em grande escala que se retroalimentam; foi necessário decretar a pandemia para o combate ao vírus, e foi decorrência da infecção em massa, pelo vírus, que uma pandemia foi reconhecida como tal. Vejamos ainda esse trecho da rodinha de conversa do grupo 6:

Pesq.: E o que é pandemia, vocês lembram?

Matias: Pandemia é o que deixa a gente doente.

[...]

Jorge: É... os povo fica pegando doenças.

Faz-se interessante o modo como neste diálogo, Matias e Jorge trazem o conceito de doença como resultado da pandemia, em consonância do que a literatura já produziu acerca do conhecimento de crianças pré-escolares sobre o conceito biológico de doença e contaminação,

ou seja, um conceito incompleto (Solomon, Cassimatis, 1999). Também vale frisar que diversos estudos dessa temática se utilizam da Teoria de Desenvolvimento de Piaget para afirmarem a ideia de que os conceitos de saúde e doença para as crianças apresentam-se de modo específico em cada fase na qual a criança se encontra (Bibace, Walsh, 1980).

Para os adultos, que recebiam todos os informes sobre o que acontecia no mundo, foi de difícil compreensão todas as explicações, boletins médicos e jornalísticos. A situação era crítica em toda a parte (Zanatta *et al.*, 2021). Com as crianças, não foi diferente; porém, todas essas informações eram absorvidas à sua maneira, com as ferramentas e o conhecimento de que dispunham e que nem sempre podiam ser organizados de maneira adequada, principalmente porque o fenômeno era novo, inexplicado, não se sabia como o vírus tinha surgido, e várias histórias foram criadas e perpassadas por ideologias e medo de contrair o vírus. Como se sabe, os níveis de ansiedade em crianças e adolescentes se agravaram no decorrer da pandemia (Cost, Crosbie, Anagnostou, *et al.*, 2022).

As crianças não foram consideradas grupos de risco e, talvez por isto, passaram despercebidas durante o processo pandêmico, ou seja, não se perguntava como elas compreendiam tudo aquilo ou quais os impactos da pandemia sobre elas. Quando, em nossa investigação, perguntamos diretamente às crianças “O que é pandemia?” surpreendemo-nos com suas respostas que associam pandemia a covid, doença e vírus! Todas essas palavras fazem parte do mesmo campo semântico e assim foram associadas, porque circulavam juntas no noticiário da mídia e, possivelmente, em seus ambientes familiares. E podemos entender como doença o fato de ser um vírus causador da enfermidade, como também causador da pandemia que se atrela a outras questões sintomáticas, psíquicas e físicas. O estudo de Cost *et al.* (2022) aponta o vírus da covid, interpretado pela criança, como uma doença e, para além disso, um determinante social que, por um espaço de tempo razoável, reordenou a forma como as crianças viviam, influenciando em suas experiências cotidianas.

Ao se contrapor à afirmação do colega, que havia dito ser covid uma doença, Livia sugere que existem conceitos diferentes ao afirmar: “*Não; Covid é um vírus*”. Ou seja, para Livia covid não é uma doença, mas sim um vírus. É interessante observar que assim como ocorreu nas pesquisas de Folino *et al.* (2021), as crianças do presente estudo também buscam em seus repertórios os sentidos para os fenômenos que vão se apresentando a elas sem nomeação claras, fazendo-as nomear de vírus algo estranho que possivelmente foi dito ou ouvido em seu entorno. Porém, mesmo estando longe do entendimento de sua conceituação, o uso se dá, possivelmente, como forma de tornar familiar o evento estranho (Horne e Lowe,

1996). Outro inserto da conversa das crianças, agora no grupo 3, acrescenta especificidade ao vírus, indicando o seu nome: é o “Coronavírus”.

Pesq.: O que foi a pandemia? O que é pandemia?

Hana: Coronavírus.

Pesq. E o que é Coronavírus?

Hana: É um negócio que pega na pessoa e a pessoa fica com gripe.

Ilana: É uma coisa que entra dentro da gente e fica doente.

Na conversa desse outro grupo de crianças, há uma associação da pandemia com o Coronavírus e este com a gripe: “*É um negócio que pega na pessoa e a pessoa fica com gripe*”. Pode-se entender que a sintomatologia principal reconhecida pela criança em seu entorno seriam os sintomas gripais, já conhecidos de antes da pandemia. Há uma ligação entre significados conhecidos que são transferidos ao evento desconhecido, por isso o termo utilizado “negócio”. Entender como as crianças nomeiam e associam os eventos possibilita lidar melhor com suas próprias demandas, tendo em vista que cada novo período de vida alcançado, possibilita elaborações mais sofisticadas e precisas (Myant; Williams, 2005).

Ainda falando sobre as nomeações dadas pelas crianças, ao que seria a pandemia e o coronavírus, Valter, participante do grupo 6, traz outro conceito para a conversa. Assim como utilizados “vírus”, “gripe”, “doença”, agora é nomeada a bactéria, outro agente biológico que também traz problemas à saúde. Interessante aqui realçar, que essa associação do COVID-19 a bactérias foi divulgada durante a pandemia, uma notícia falsa, que disseminava não só essa informação, mas também propunha medicações e tratamentos (PROJETO COMPROVA, 2020). Segue abaixo o diálogo das crianças.

Pes.: [...] vocês já ouviram falar em coronavírus? O que é isso?

Vitor Renan: É uma bactéria!

Pes.: Ah, o que mais? Ele disse que é uma bactéria, e vocês?

Jorge: Que tem uma bactéria e a pessoa fica doente.

Folino (2021), ao pesquisar a percepção das crianças cariocas acerca da pandemia da COVID-19, abre uma reflexão também sobre o que as crianças entendem por vírus de modo geral, e apesar de se tratar de crianças em idade maior, os resultados se encontram em consonância com os do presente estudo. Duas crianças relacionam as bactérias aos vírus, “*Uma bactéria. Vírus e bactéria é basicamente a mesma coisa, né?*” e “*É que são tipo umas bactérias que se evoluíram...*”, do mesmo modo que Vitor Renan e Jorge, como apresentado no diálogo acima.

A literatura traz que as crianças tendem a compreender adoecimentos, sejam eles de quaisquer ordens, segundo seu estado de desenvolvimento; portanto, seu saber está atrelado as

construções feitas junto a seu entorno, que darão sustento a suas percepções de mundo (Bibace, Walsh, 1980; Perrin, Gerrity, 1981). Outro exemplo para a caracterização do vírus está nas falas de Laura (grupo 4) e Sávio (grupo 5): “Pra não colocar germes na mão” e “Pra poder tirar os germes”, respectivamente; as duas falas são respostas às questões “para que lavar as mãos?” e “por que o uso de álcool?”

A volta às atividades presenciais na escola, marcou, subjetivamente, um término da pandemia, mesmo não tendo sido reconhecida como finalizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Esta veio a reconhecer o término da pandemia somente em maio de 2023, mas as aulas nas escolas, de modo presencial, já tinham recommçado desde agosto de 2021. A coleta de dados na pré-escola ocorreu em fevereiro de 2023. Observa-se que a própria pesquisadora perguntou sobre pandemia, usando o verbo no passado, e logo fez a correção: “*O que foi a pandemia? O que é pandemia?*” Em outro grupo de conversa na rodinha, no grupo 5, houve pergunta e resposta indicadas no passado:

Pesq.: [...]. E o que era a pandemia?
Joab: Era uma doença.

Nesse diálogo, chama-se a atenção para o tempo verbal utilizado no passado; algo que já aconteceu para a pesquisadora e para a criança. Essa hipótese se confirma na sequência da rodinha de conversa, quando a mesma criança fala: “*Porque a pandemia passou.*”

Com a crescente diminuição do número de mortos pelo vírus da Covid, a pandemia aos poucos foi se tornando para a população mundial um passado, mas, só em maio de 2023, que a OMS decreta o seu fim. A fala da criança, citada no parágrafo acima, evoca questionamentos não só sobre quando se tornou passado a realidade pandêmica, mas quando as pessoas decidiram tornar passado esse acontecimento. No que tange às crianças, a temporalidade também diz sobre o quão subjetivo é esse conceito para os seres humanos (Bosi *apud* Novaes, 1996).

Fazendo parte da caracterização do vírus, as crianças também mencionam sua aparência. Evidentemente que a imagem visual que projetam é auxiliada por desenhos esboçados na televisão e no realce que é dado à similaridade de seus espinhos em forma de coroa quando vistos no microscópio.

“É uma coisa cheia... Bem grande redondo, com um monte de bolinhas e tem “bicho”

As crianças são reconhecidas com uma grande capacidade imaginativa, apesar de a imaginação ser um atributo cognitivo inerente a todas as fases do desenvolvimento humano (Vigotski, 2009). Pensando na imaginação, observemos as seguintes descrições feitas por Matias (grupo 6) e Jani (grupo 1), quando questionados sobre pandemia/coronavírus.

Pesq.: O que aconteceu, numa época, um negócio que teve chamado pandemia?

Jani: “Coronaveuris”

Pesq.: O que é isso?

Jani: “Corona”.

Pes.:E me diz aí, o que é o corona?

Jani: É uma bola, com um monte de... parece um túnel, tipo uma linha grossa e você vira, e aí você pega que nem uma nuvem, mas não tem os negocinho da nuvem, as curvas da nuvem, aí fica em volta essas coisinhas, aí a bola fica “negoçada” nas coisinhas, aí quando a pessoa chega perto dele, a pessoa pode até morrer por causa dele.

Pesq.: Vocês já ouviram falar em coronavírus? O que é isso?

Matias: É uma coisa cheia... Bem grande redondo, com um monte de bolinhas e tem “bicho”.

As crianças fazem uma espécie de referenciação do vírus da covid a partir de uma construção visual imaginativa, tal ação pode estar intimamente ligada à propagação das imagens do como seria o coronavírus se conseguíssemos vê-lo a olho nu. Quais seriam os sentidos atribuídos por Jani e Matias ao coronavírus enquanto figura imagética? Poderíamos pensar que por definirem o vírus através da sua visualização, seus sentimentos a respeito se difeririam dos seus pares?

A imagem tem o poder de convencimento, ela por diferentes modos representa a veracidade daquele fenômeno; ou seja, a imagem adquire o papel de possibilitar que o real seja impresso através dos sentidos visuais que são reverberados e reeditados por meio da realidade (Mirzoeff, 2003). A principal ferramenta de propagação dessas imagens, especificamente as caracterizadas pelas crianças, certamente advém das grandes mídias, que no intento de informar, buscam os meios imagéticos para trazer ao real o vírus que ameaçou toda a população mundial.

Os estudos de Folino (2021) corroboram com os resultados deste, tendo em vista que os achados resultantes da pesquisa com as crianças cariocas também evidenciam a descrição do formato vírus; *“Parece um monte de bolinhas”*, *“Aquele bolinha verde com um monte de espinho, espinho enfiado”*; essas duas falas não apenas conferem o caráter descritivo que as crianças deram ao serem questionadas sobre vírus, como também aproximam as percepções que as crianças de realidades tão difusas têm.

Aos seis anos de idade, as crianças vivenciam o estágio do simbólico, onde conseguem a partir de um mundo próprio, criar e produzir imagens mentais que as ajudam a compreender e transformar a realidade que as cercam (Uzun de Freitas, 2010). Tal informação dá luz sobre os dados acima mencionados, identificando as formas de uso das capacidades cognitivas das crianças pesquisadas. Porém, faz-se necessário também mencionar que o uso do simbólico, dos significados e significantes dessas crianças, está intimamente atravessado pelas construções oriundas do seu entorno, particularmente no quesito pandemia, a participação que a mídia teve nos imaginários pessoais de cada um, direcionando, de algum modo, as crianças a pensarem sobre o vírus de forma visual e concreta (Fischer, 2001).

“Coronavírus quando toma vacina homi!”

Sávio, participante do grupo 5, foi a única criança a citar a vacina em algum momento da rodinha de conversa; sua resposta veio logo em seguida à pergunta da pesquisadora “O que era o coronavírus?” O caráter exclusivo de sua fala em meio a tantos diálogos nos traz uma série de reflexões sobre o momento vivido, que trago para discussão através da análise do cenário político brasileiro e da vacinação como produto da ciência, que serão destrinchadas nos parágrafos que seguem, haja vista sua importância para compreensão e problematização da temática proposta neste tópico.

Como falado, a palavra vacina foi mencionada em um único momento durante todas as rodinhas de conversa. Por que essa única ocorrência? Não podemos afirmar, mas esse fato nos impele a discuti-lo. Para tal, é importante falar do cenário político brasileiro que se põe em destaque no decorrer de toda a pandemia e suas consequências. Primeiramente, o governo do presidente Jair Bolsonaro (2018-2022) seguiu a postura de diversos outros países como os Estados Unidos, Reino Unido, Itália, Holanda e Bélgica, que tratam inicialmente como desnecessários os rigorosos protocolos de controle do vírus (Calil, 2021); essa ação trouxe uma série de riscos para os países que, posteriormente, reviram seus protocolos e adotadas as medidas cabíveis para contenção.

No caso do Brasil, ainda que discretamente, as medidas eram ignoradas por parte do Presidente, culminando em declarações públicas contrárias às determinações da OMS. O então ministro da saúde sinalizou tais posturas em sua fala: “O Ministério da Saúde indicava um caminho, e o presidente enviava uma mensagem no sentido oposto, a de não respeitar as orientações do seu próprio ministério. Antes já havia essa resistência, mas não era pública”

(Mandetta, 2020, p. 32). Esse cenário caótico revelou a situação em que o Brasil se encontrava perante a pandemia e os demais países.

Ao referenciar a vacinação contra a covid, Sávio demonstra a aproximação entre a doença e a cura, face ao potencial de segurança que a vacina trouxe para a população. Porém, apesar de o Brasil possuir um dos maiores sistemas de vacinação do mundo, pelo Sistema Único de Saúde (SUS), desde as omissões por parte do governo federal, até a falta de disseminação de informações científicas de qualidade referentes à seguridade da vacina, tornaram as campanhas de imunização, muito aquém de suas potencialidades (Maciel, et al., 2022).

Especificamente sobre as crianças, sujeitos participantes da pesquisa, é importante falar o quanto as questões ideológicas influíram em seus processos de vacinação, propondo o governo uma consulta pública sobre a vacinação de crianças de 05 a 11 anos (Brasil, 2021). Tal ação por parte do governo serviu não só para atrasar a vacinação, como para polarizar ainda mais a discussão sobre sua eficácia, propagando insegurança e culminando em prejuízos para os principais interessados, as crianças (RAUEN, 2022). Fato é que a organização política que se encontrava o Brasil corroborou para uma série de problemáticas envolvendo as campanhas de imunização, que podem ter influenciado a escassez da temática “vacina” no discurso das crianças desta pesquisa. “A fala da criança é uma inversão nos processos de subalternização, é um movimento político” (ABRAMOWICZ, p. 24, 2011).

Todas essas construções nos fazem pensar na ação política que as crianças possuem, bem como na importância que seus espaços de fala, referenciados como espaços de construção da sociedade. Sendo cada criança um emaranhado de vozes, costumes e vivências, que se moldam a partir de suas relações e apropriações, são por ela também moldadas por suas brincadeiras, enunciações e comportamentos. A vacina constituiu Sávio, ao citá-la como uma implicação da covid, porém é importante questionar se há nas outras crianças a aproximação ao imunizante ou se os embates ideológicos e polarizadores não as permitiram tal proximidade. Essas questões abrem campo para outras pesquisas de tamanha relevância.

5.2 O que as crianças sabem sobre prevenção

Em fevereiro de 2020, um mês antes da Organização Mundial de Saúde decretar o início da pandemia mundial, foi aprovada no país, a lei nº 13.979, que trata das medidas de contenção do coronavírus (BRASIL, 2020). O isolamento para as pessoas infectadas e a quarentena para os casos suspeitos, foram algumas das medidas iniciais elencadas nessa

norma. Posteriormente, a lei nº 14.019, altera a lei anteriormente citada, acrescentando a obrigatoriedade do uso de máscaras em locais públicos e a aplicação de produtos de assepsia e limpeza, como outras formas de enfrentamento (Brasil, 2020).

“Usar máscara e álcool gel, e ficar dentro de casa”

As crianças não apenas estavam por dentro desses protocolos, mas, a seu modo, os afirmavam com serenidade e clareza, com apropriações de fala coerentes e precisas. Apesar do distanciamento dos fatos, pela pesquisa ter sido coletada em fevereiro de 2023, três anos após as leis mencionadas, a propagação e memória de tais condicionantes do cotidiano pandêmico se tornam para elas, uma realidade que, mesmo longínqua, estavam presentes. Vejamos os trechos a seguir:

Pesq.: [...] E o que é covid?

Saulo: Quando você tá doente, você tem covid para não ir aonde você ia.

Pesq.: Aí a gente não podia ir, aonde a gente ia antes? Era?

Lívia: E também, quem não passa álcool vai ficar doente.

Pesq.: Ah, aí quer dizer que a gente usava álcool na mão?

Lívia: É, tem que entrar com álcool na mão, se não o vírus vai ficar na mão e quando a pessoa for comer...

Lívia comenta que “*se não o vírus vai ficar na mão e quando a pessoa for comer...*”. Nesse comentário, vem em relevo o conhecimento das crianças sobre formas de transmissão e tratamento do vírus; é demonstrado o quão vivo e real é o coronavírus. A fala dela é uma resposta à indagação sobre o uso do álcool gel, o que corrobora com a ideia de que, mesmo ainda pequenas, as crianças conseguiram compreender minimamente as formas de transmissão e prevenção, que serão discutidas posteriormente.

As falas de Saulo e Lívia, trazem-nos a lei antes citada de maneira típica, a forma como as crianças absorveram e trouxeram para si essas menções. Nesse trecho “*você tem covid para não ir aonde você ia*”, Saulo trata sobre o distanciamento físico como uma realidade impeditiva, que não mais permite o trânsito de pessoas em locais que antes eram comuns. Nesse ponto, faz-se necessário pensar quais marcos atravessaram suas vivências a partir desse impeditivo. O isolamento já perpassa inúmeras pesquisas, que visam entender quais matizes foram suscitadas, nas crianças, durante esse período.

Os estudos de Silvério et al. (2023), que tratam do estresse tóxico na população pediátrica, apontam para um declínio no desenvolvimento intelectual e comportamento das crianças, principalmente naquelas do grupo de 3 a 6 anos de idade, média de idade dos

sujeitos desta pesquisa. O tédio, a irritação e o sentimento de solidão diante do isolamento pandêmico também foram apresentados na pesquisa de Idoiaga et al. (2020), estudo com 228 crianças, realizado no norte da Espanha.

Os resultados obtidos por Silvério et al. (2023) são corroborados pelas previsões feitas ainda em 2020 pelos estudos de Wang et al., que tratavam dos possíveis prejuízos decorrentes de um prolongado confinamento, baseando-se em estudos sobre períodos de férias e fins de semana, que se agravaram no que diz respeito à pandemia, pela impossibilidade de atividades ao ar livre, contato com seus pares e restrições ao ambiente doméstico (Brazendale, Beets, Weaver, 2017; Brooks SK, Webster RK, Smith, 2020).

Passado o período de isolamento, as organizações iniciam o processo de reorganização e manejo para convivência com o vírus da COVID-19. Para tal, as medidas de isolamento, antes promulgada em vista da contenção da disseminação, tornam-se flexíveis a partir da diminuição dos casos em virtude das primeiras doses da vacina, em uma parte da população. Em Venturosa, local da coleta de dados, não foi diferente. A partir de planos de retomada, as pré-escolas e escolas foram se organizando e em agosto de 2021 e retornam ao modo de ensino presencial (Venturosa, 2021).

Nesse sentido, as falas das crianças enfatizam as recomendações para o retorno à escola, colocando essa reinserção dentro dos moldes do cenário pós-pandêmico. Seguem alguns trechos das rodinhas de conversa:

Pesq.: E por que usar máscara?

Vivian: Eu usava máscara na creche.

(Grupo1)

Pesq.: Máscara. Todo mundo usou máscara?

Saulo: Sim. Quando a gente estudava lá na creche a gente usava máscara.

(Grupo 2)

Pesq.: Na outra escola era? E por que era que usava máscara na outra escola?

Ema: Por causa da pandemi... Daaa...

Sávio: É pra não pegar gripe.

Ema: Por causa do Coronavírus.

Sávio: É pra não pegar gripe, pra não espirrar, só na hora do lanche que tira a máscara.

Vitor: Só é na hora do lanche.

(grupo 5)

Matias: Mas porque essa pandemia ela é muito forte, aí a gente ficou doente dias assim, depois continuou indo pra escola, mas a gente teve que ir de máscara todos os dias.

(Grupo 6)

Nestas conversas com as crianças, elas compartilham suas experiências relacionadas às medidas de prevenção da COVID-19 em conjunto com suas vivências na pré-escola. É importante notar que essas experiências foram relativamente limitadas, pois inicialmente frequentaram os centros de educação infantil presencialmente por apenas um mês antes do início da pandemia. O retorno e suas vivências na pré-escola foram fortemente influenciados pela realidade da pandemia.

A obrigatoriedade do uso de máscaras e de outros dispositivos de prevenção nas creches, que representam o principal espaço público frequentado pelas crianças, encontra justificativa nas palavras das próprias crianças. Para garantir um funcionamento adequado, essas medidas foram cuidadosamente delineadas com o auxílio de órgãos de saúde, a fim de assegurar que o retorno ao ambiente presencial não comprometesse a queda dos índices de infecção. A título de exemplo, em Pernambuco, foram disponibilizadas cartilhas para as escolas, com o objetivo de fornecer o conhecimento necessário e as orientações essenciais acerca do vírus da COVID-19 (Brasil, 2021).

Outros recortes evidenciam, ainda, o conhecimento das crianças sobre os procedimentos utilizados na pandemia para proteção das pessoas. Essas falas reforçam o caráter potente que as crianças têm para com o seu entorno, como no trabalho espanhol realizado com crianças de Martínez Muñoz; Rodríguez Pascual e Crespo Velásquez (2020), que buscam ecoar essas vivências pandêmicas.

Pesq.: E o que é que fazia mais pra se proteger? Tinha mais alguma coisa?
Hana, Elis, Ilana: Álcool em gel, máscara, lavar as mãos, remédio.
 (Grupo 3)

Pesq.: Ai, o que é que a gente fazia pra o coronavírus, pra gente não pegar o coronavírus?
Augusto: Lavar as mãos.
Pesq.: Que mais?
Kevin: Tomar banho.
Moana: Usar máscara.
Kevin: Tomar banho com água e sabão.
 (Grupo 4)

Pesq.: E o que era mais que utilizava pra proteger do coronavírus?
Valter: Passar álcool
Alícia: Álcool, máscara.
 (Grupo 6)

Não podemos mensurar o nível de conhecimento das crianças e da sociedade em geral sobre tais métodos de prevenção, uma vez que nos deparamos com uma ampla variedade de informações, sejam elas verdadeiras ou falsas. No entanto, as palavras das próprias crianças reforçam sua efetiva participação como membros ativos e construtores da sociedade, e seu poder criativo confere legitimidade às suas vozes. É fundamental reconhecer que as crianças foram afetadas pelas ramificações da pandemia e que têm uma contribuição significativa para as possibilidades e novas experiências introduzidas por esse cenário (Fernandes, Diaz, 2022).

Saulo, participante da segunda rodinha de conversa, trouxe algumas falas interessantes que podem servir de importantes reflexões para o cenário atual e suas possíveis reverberações. Abaixo, apresento recortes de suas falas, que aconteceram em diferentes momentos no grupo.

Saulo: Mas, eu nunca deixava de ir pra igreja.

Pesq.: Nunca deixava de ir pra igreja.

Saulo: Não.

Pesq.: E tinha igreja nessa época? Cês podia ir?

Saulo: Podia.

Pesq.: E quando ia pra igreja tinha que se proteger era?

Saulo: Não.

Pesq.: Tinha que usar máscara?

Saulo: Não.

Pesq.: Tinha que usar álcool gel?

Saulo: Lá usava, mas...

Pesq.: Lá usava?

Saulo: ...não usava máscara.

[...]

Saulo: Sim, e enquanto eu não ia pra escola, às vezes eu tomava um xarope.

Saulo afirmou que nunca deixava de ir à igreja. Em um contexto diferente, essa afirmação poderia passar despercebida. No entanto, ao considerar o cenário político-ideológico que envolveu o Brasil durante o período da pandemia, essa questão aparentemente simples adquire uma dimensão polêmica. Muitas lideranças religiosas do país enfatizaram entre seus fiéis a importância do isolamento e do distanciamento físico, ratificando as orientações dos órgãos de saúde. Em contrapartida, pessoas influentes ligadas a grupos político-religiosos, especialmente os neopentecostais, insistiram em contestar a gravidade do vírus (Guerreiro, Almeida, 2021).

As ações de líderes religiosos que endossaram as declarações públicas do então presidente da república Jair Bolsonaro são exemplos de como o negacionismo se infiltrou na polarização política que se estabeleceu desde as eleições presidenciais de 2018, resultando nos desdobramentos da pandemia da COVID-19. Conforme Dunning (2019) descreve, o

negacionismo envolve a desqualificação de fatos científicos, levando o público leigo a desacreditar as afirmações de vários cientistas em relação a questões específicas.

Apesar de ser obrigatório o uso de máscaras e álcool em gel, Saulo diz não ser necessário seu uso nas idas a igreja. Tal fala confere com as inúmeras reportagens e denúncias de manutenção dos cultos e missas presenciais, desrespeitando as normas sanitárias. Diversas igrejas permaneceram em funcionamento e lotação, bem como pautavam suas pregações no negacionismo: *“Uma tática de satanás”, “O diabo não vai paralisar nossa adoração. Deus preserva a vida de quem crê. Ele está acima desse vírus”*, essas são falas de alguns pastores que culminaram em diversos comportamentos preocupantes da sociedade e na descredibilização de um vírus tão letal. De acordo com o Datafolha, 49% dos evangélicos eram contra o isolamento social (BRUNO, SAMPAIO, 2021).

Como os conflitos político-religiosos-ideológicos afetam as crianças e se encaixam nas discussões desta pesquisa? Seria inadequado não considerar as crianças como participantes ativas em todos esses jogos de interesses que moldaram a forma como a sociedade brasileira enfrentou a pandemia. O enquadramento das crianças nessas discussões é valioso, suas vozes são potentes e cheias de signos e significados oriundas de suas trocas entre seus pares, seu entorno e todo o conjunto social que as cercam; ouvi-las é também potencializar a heurística social em eventos como os decorrentes do processo ideológico-pandêmico (Fernandes, Diaz, 2022).

Outra participante que traz à tona a problematização de aspectos político-ideológicos é Heloísa, participante do grupo 3, que responde *“Sim, remédio”*, referindo-se à pergunta da pesquisadora: “E usava mais alguma coisa para se proteger?” Como as falas de Saulo, essa de Heloísa poderia também não ser motivo de quaisquer reflexões, tendo em vista que o remédio corresponde à “doença” que estava em alta; porém, cabe aqui inferir se o remédio por ela citado também faz parte do rol de medicamentos que foram propagados como preventivos, contrariando as recomendações médico-científicas. Ainda Saulo, participante já citado, também traz algo com essa referência: *“Sim, e enquanto eu não ia pra escola, às vezes eu tomava um xarope”*.

5.3 Como as crianças descrevem o processo de disseminação do vírus

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no 4º ano do ensino fundamental os alunos devem começar a desenvolver, a partir do ensino escolar, a habilidade de conhecer a transmissão dos vírus (Brasil, 2018). Ou seja, somente aos 09 anos que as

crianças aprendem, na escola, os processos como se disseminam as doenças oriundas de agentes infecciosos, como é o caso do vírus Sars-Cov-2. Como qualquer outro conhecimento, as crianças, entretanto, ouvem falar em diferentes conteúdos, por meio da mídia, ou conversas que ocorrem no cotidiano de seus ambientes sociais e, assim, elas juntam informações fragmentadas e elaboram suas concepções acerca desses tópicos. Então, o que as crianças participantes dessa pesquisa, matriculadas no 1º ano do ensino fundamental, sabem sobre como as pessoas são infectadas com o coronavírus?

“O Coronavírus entrava na casa das pessoas, aí entrava na parede, aí depois o Coronavírus vai na cozinha, aí ela vai na porta da cozinha, aí depois quando uma pessoa vem comer, ela pega”.

A fala em destaque, que serve de subitem desse tópico três, pertence a Hugo, um participante de seis anos que estava presente na primeira roda de conversas. Através dela, podemos acompanhar o caminho que ele imagina ser traçado pelo vírus, tema amplamente discutido em seu entorno. O temido percurso do vírus serviu como ponto de partida para as diversas recomendações dos órgãos de saúde, assim como para a compreensão das condições que levavam à infecção pelo COVID-19. Fluidos corporais provenientes da respiração, transpiração ou saliva foram identificados como o principal meio de disseminação do vírus. Além disso, o contato com superfícies contaminadas por tais fluidos também foi reconhecido como um modo indireto de propagação da doença (Ather, *et al*, 2020).

De acordo com os estudos de Peng (2020) e colaboradores, a entrada do vírus no corpo humano e sua subsequente infecção ocorrem por meio do contato com fluidos corporais contaminados, originados em espirros, tosse, sudorese e salivação. Ao compreender a lógica da transmissibilidade, a narrativa de Hugo apresenta um detalhamento de uma possível rota até infectar uma pessoa. A afirmação *“o coronavírus entrava na casa das pessoas”* sugere a infecção por meio do contato com indivíduos que não residem na mesma casa. A expressão *“aí entrava na parede”* refere-se à possibilidade de gotículas de suor, saliva ou outros fluidos contaminados respingarem em superfícies inanimadas. Em seguida, *“aí depois o Coronavírus vai na cozinha, aí ela vai na porta da cozinha”* indica a permanência da circulação do vírus junto à pessoa infectada, já que os fluidos corporais continuam sendo trocados com o ambiente. Por fim, *“aí depois quando uma pessoa vem comer, ela pega”* está em consonância com a compreensão de que o Sars-Cov-2 é abundante na saliva, conforme destacado por Ather et al. (2020), e essa concentração se intensifica durante a rotina alimentar. Os três

recortes de fala seguintes, trazem as associações das crianças sobre a transmissão do vírus e suas correlações com a boca e a comida.

Pesq.: E por que usar máscara?

Hugo: Do Coronavírus, se não o Coronavírus entrava na boca da pessoa.

(Grupo 1)

Pesq.: Ah, aí quer dizer que a gente usava álcool na mão?

Lívia: É, tem que entrar com álcool na mão, se não o vírus vai ficar na mão e quando a pessoa for comer [...] E também, depois de comer vai sentir uma dor na barriga. Uma vez já aconteceu comigo.

(Grupo 2)

Pesq.: E passava o álcool gel e lavava a mão porque também?

Romana: Porque se comer com a mão suja [...] E também se comer com a mão suja, se perde alguma coisa, pode comer e ficar com a mão suja e fica...

(Grupo 3)

As crianças associaram a transmissão a palavras como boca, cozinha e comida, revelando consonância com o que a literatura científica aborda. A declaração de Hugo responde à razão do uso de máscaras, destacando a boca como o principal ponto de entrada do coronavírus no organismo. Aos seis anos, Hugo ecoa pesquisas como as de Chen (2020) e Chu et al. (2020), que afirmam que o Sars-Cov-2 é um vírus respiratório, sendo sua transmissão predominantemente pelo contato de pessoa para pessoa, especialmente pelas vias respiratórias, como a boca, mencionada por ele, e o nariz. Ao menosprezar as expressões das crianças, a sociedade em geral negligencia seu potencial para gerar conhecimento e contribuir para a produção de saberes.

Lívia, participante do segundo grupo, adiciona um segundo elemento associado à infecção: a dor na barriga. Inicialmente, ela aponta a mão como portadora do vírus, justificando assim o uso do álcool em gel. Em seguida, destaca o ato de comer. Apesar de a dor abdominal não ser um sintoma comum na grande maioria dos casos, como afirmado por Franco, Landgraf e Pinto (2020), ao relacioná-la aos métodos de prevenção e modos de infecção pelo COVID-19, a participante alinha-se ao discurso de seus colegas ao considerar a comida como um ponto crucial para a infecção pelo vírus. Não é possível inferir a origem dessas associações, no entanto, é importante trazer à luz essa questão e compreendê-la sob o aspecto científico.

Para compreender a correlação estabelecida pelas crianças entre comida e COVID-19, um ponto crucial foi destacado a partir da literatura: a propagação de informações falsas, as

conhecidas *fake news*. Pesquisadores, como Islam et al. (2020), reuniram-se para compreender a infodemia, um fenômeno que envolve a disseminação em massa de informações sobre um tema específico, como foi o caso da pandemia. Os resultados desse estudo justificam sua relevância para a presente pesquisa, uma vez que a desinformação alimentar se revelou um dado alarmante amplamente difundido, podendo ter causado inúmeros prejuízos à saúde e ao bem-estar da população. Colocações como *"evitar alimentos picantes"*, *"hábitos alimentares chineses causaram a COVID-19"* e *"evitar alimentos e bebidas frias ou conservadas, como sorvetes e milkshakes, pode prevenir infecções"* foram algumas das informações disseminadas como verdades, embora não estejam alinhadas com os conselhos de especialistas.

No Brasil, como medida de combate às *fake news*, o Ministério da Saúde lançou uma plataforma de combate à desinformação. Entre os dados relacionados à pandemia da COVID-19, incluíam-se informações sobre bebidas quentes e determinados alimentos como supostos meios de combate ao vírus. Assinadas por profissionais da saúde, notícias falsas foram disseminadas, sendo, consequentemente, aceitas como verídicas (Matos, 2020). Pode-se indagar se essas informações seriam a origem das expressões das crianças e suas repercussões. Embora seja impossível afirmar, é pertinente refletir sobre como a proliferação excessiva de notícias impacta o acesso a informações verdadeiras.

As frases inacabadas de Romana, participante da terceira rodinha de conversa, misturam-se às intervenções dos colegas, mas também introduzem ao grupo a noção de que o ato de comer pode potencialmente acarretar consequências se realizado "com a mão suja". Seja essa sujeira representada pelo vírus da COVID-19, poeira ou qualquer outra substância, as observações de Romana instigam a investigação sobre como o contato sensorial das crianças pode ter sido afetado. As precauções relacionadas ao toque e o uso frequente de álcool em gel não apenas podem ter modificado as práticas alimentares das crianças, mas também podem ter influenciado suas experiências no brincar. Essas adaptações sugerem um impacto significativo nas interações entre os pares, resultando em novas dinâmicas no sistema interacional que as envolve (Carvalho *et al*, 1998).

A percepção sensorial das crianças e sua conexão com a pandemia da COVID-19 representam um aspecto que merece investigação, uma vez que as formas de interação foram abruptamente modificadas. Isso inclui a redução ou interrupção do contato físico com seus pares, a diminuição da interação com superfícies diversas devido às medidas sanitárias de proteção contra o vírus e a restrição do brincar e das brincadeiras a locais específicos. Além dos efeitos provocados pela pandemia, há ainda os possíveis danos residuais que o vírus

causou nos organismos e seus efeitos na percepção, sensação e cognição das pessoas infectadas (Feitosa *et al*, 2022).

Dando continuidade as discussões propostas acerca das falas das crianças participantes, observemos as falas de Hana e Kevin:

Pesq.: E passava o álcool gel e lavava a mão por que também?

Hana: Porque a mão pode tá cheia de bicho aí tem que lavar por o Coronavírus.

(Grupo 3)

Kevin: As nossas mão tem cheia de verme. Nós pega em coisas sujas, aí tem germes...

(Grupo 4)

As mãos passaram a ocupar o foco central da atenção, tornando-se amplamente objeto de cuidado e limpeza, conforme preconizado pelas diretrizes dos órgãos de saúde. O uso de álcool em gel e a lavagem com água e sabão foram indicadas como medidas primordiais, juntamente com orientações sobre a precaução ao tocar superfícies, objetos e indivíduos suscetíveis à infecção pelo vírus da COVID-19. Dada sua relevância como componente vital do nosso corpo, mediando o contato da pessoa com o mundo por meio do tato, as diretrizes relativas à sua higienização constituem uma prática difundida há bastante tempo.

A transmissibilidade de infecções por meio das mãos foi identificada já em 1846, levando à adoção de medidas de assepsia para esses membros, inicialmente no âmbito hospitalar. Em 1975 e 1985, os primeiros direcionamentos foram publicados pelos Centros de Controle e Prevenção de Doenças (CDC, 2002; Larson, 2001; Nogueras *et al.*, 2001). Em 1995, o compositor Arnaldo Antunes lançou a música "Lava a mão", que ganhou destaque por meio do programa infantil "Castelo Rá-Tim-Bum". Na canção, Antunes instruía as crianças sobre os momentos e a maneira adequada de lavar as mãos: "Lava uma (mão), lava outra (mão), lava uma, lava outra (mão) [...] A doença vai embora junto com a sujeira, vermes, bactérias, mando embora embaixo da torneira" (Antunes, 1995).

A mencionada música retornou às mídias em 2020; foi reproduzida pela TV Cultura e circulou nas redes sociais. Ela aproveitou a memória afetiva dos brasileiros para conscientizar sobre a prevenção e cuidados diante da contaminação e disseminação do vírus. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a aquisição de hábitos de higiene não é considerada uma prioridade de ensino, uma vez que se entende que, por ser uma temática do cotidiano, as crianças, desde a primeira infância, já deveriam estar familiarizadas com tais

hábitos. Contudo, essa iniciativa também representa uma contribuição ao público infantil, reconhecendo a necessidade de abordar pedagogicamente esse tema (Brasil, 1997).

É possível inferir que mesmo durante a ausência da escola, especialmente nos primeiros anos da educação infantil, as crianças participantes da roda de conversa estavam bastante familiarizadas com o tema da higiene pessoal. O contexto pandêmico trouxe a oportunidade de adquirir conhecimentos que, embora fossem considerados básicos anteriormente, tornaram-se fundamentais para a preservação da saúde e a manutenção da vida. Mesmo sem um reforço pedagógico extrafamiliar sobre a importância dos hábitos de higiene pessoal, a conscientização gerada pela pandemia contribuiu para que esses conhecimentos se tornassem parte integrante do cotidiano das crianças. Como mencionado, Hana e Kevin compreenderam bem a ideia de que as mãos são veículos de transmissão (Júnior; Costa, 2009).

As rodas de conversa foram realizadas na pré-escola, ou seja, em um ambiente educacional, e se buscou escutar as crianças na perspectiva delas. Nesse sentido, destaco uma fala de Saulo, membro do segundo grupo, que se expressou de um outro modo sobre o processo de transmissão e infecção da COVID-19:

Pesq.: Ah, aí quer dizer que a gente usava álcool na mão?
Saulo: E a gente pode adoecer mesmo na escola.

Ora, a contaminação e infecção estavam por toda a parte; as recomendações das grandes mídias repercutiam as indicações dos órgãos de saúde, e a frase “Fique em casa” tornou-se um apelo amplamente ecoado. Porém, a nova normalidade aos poucos se instaurava, trazendo às crianças a possibilidade de reinício das atividades escolares, que antes fora tão brevemente conhecida por elas. Não se pode afirmar sobre o modo como cada criança se apropriou desse ser “aluno” no pós pandemia, porém, Saulo lembra de um fato que ainda é aterrorizador: “Pode-se adoecer mesmo na escola”, ou seja, mesmo voltando a habitar diversos espaços, antes proibidos, as ameaças ainda persistem, e se faz necessário conviver com elas.

5.4 O que as crianças faziam e sentiam durante a pandemia

O isolamento e distanciamento físico, resultantes do agravamento das condições impostas pela pandemia da COVID-19, embora necessários e urgentes diante dos índices de infecção e mortalidade, foram penosos para toda a população. As crianças, de maneira

semelhante aos demais, viram-se privadas do convívio com seus pares no ambiente escolar e comunitário, passando a compartilhar seus dias e brincadeiras com os familiares com quem coabitavam e em um espaço delimitado.

O que faziam as crianças durante a pandemia? Responder a essa pergunta pode ser um indicativo das suas percepções e compreensão sobre o fenômeno pandêmico, e também pode conduzir a uma discussão sobre a criança – um ser brincante. Todos os seres humanos se constroem pelo brincar, ou seja, pela brincadeira, alcança-se inúmeras possibilidades de compreensão sobre si mesmo e sobre o entorno que o constitui (Souza, 2019).

A maioria das falas das crianças sobre o que faziam na pandemia, quando não podiam sair de casa, nem mesmo para a escola, foram relacionadas ao brincar:

Livia: Eu brincava o dia todinho. (Grupo 2)

Saulo: Eu brincava sem correr, eu brincava de esconde-esconde andando devagar mesmo. [...] E também eu brincava mais meu gato de pegar a bola. (Grupo 2)

James: Porque eu brincava, corria dentro de casa, andava no meu patinete, fazia tudo. (Grupo 3)

Hana: Eu brincava de escola. (Grupo 3)

Moana: A gente brincava. (Grupo 4)

As declarações anteriormente mencionadas abrangem o ato de brincar em seu sentido amplo, considerando-o como parte integrante da rotina infantil. Corridas, esconde-esconde, andar de patinete são algumas das atividades lúdicas mencionadas que se destacam pela naturalidade com que as crianças, mesmo em espaços limitados e sem a interação coletiva com seus pares, conseguem se entreter. A reconfiguração familiar imposta pelo isolamento, que resultou no convívio diário integral de adultos e crianças em casa, proporcionou às crianças trocas que anteriormente não eram tão frequentes (GUIZZO, MARCELLO E MÜLLER, 2020). Mesmo diante das mudanças, as crianças persistiam em manter seus hábitos lúdicos.

A pandemia foi a mesma em todo o mundo, porém, em cada localidade, as especificidades sobre como lidar com ela e seus pormenores foram vivenciados de modos diversos:

Hugo: [...] eu ia pra casa da minha vó. (Grupo 1)

Saulo: Eu brincava com meu primo, que sempre quando eu me acordo ele já fica lá em casa. (Grupo 2)

Os relatos de Hugo e Saulo trazem consigo aspectos que podem ter outra conotação se pensado nos grandes centros urbanos e, não, no interior, como é o caso das crianças desta

pesquisa. No cotidiano da pandemia, para as duas crianças, a visita à casa da avó ou a chegada do primo para brincar em sua residência não configura uma tentativa de desrespeitar as recomendações sanitárias, mas, sim, reflete o movimento comunitário no qual estão inseridas. A dinâmica interiorana apresenta outros aspectos que destacam a excentricidade presente na cultura brasileira, marcada por sua calorosidade e diversidade (Ramos, 2020). Portanto, o fato de vivenciarem o isolamento nesse contexto geográfico adiciona uma tonalidade distinta às experiências relatadas por Hugo e Saulo.

“Muito chato, ficava entediado, só ficava na cama com o celular” (Valter - Grupo 6)

Um aspecto amplamente destacado por pais, professores e pela sociedade em geral foi o uso de telas durante o período mais crítico da pandemia, quando as crianças estavam sem contato com seus pares, sem a rotina escolar e sem a disponibilidade de espaços para brincadeiras. A fala acima mencionada pertence a Valter, integrante do grupo 6, e sua relevância não reside na semelhança com estudos que indicam o aumento do uso de telas pelas crianças (Deslandes, Coutinho 2020; Orben, Tomova, Blakemore, 2020; Shiozawa & Uchida, 2020). Diferentemente dos achados científicos mencionados por esses autores, no presente estudo, o uso da tecnologia como forma de distração lúdica foi mencionado de maneira esporádica, com breves relatos indicados nas expressões: *"Eu costumava jogar um jogo de zoológico que tenho no meu celular"*; *"Eu passava o tempo assistindo"*; *"Eu assistia"*; e *"Eu jogava FreeFire"*. Algumas hipóteses podem ser levantadas a esse respeito, e uma delas é a possível limitação de acesso das crianças do estudo aos recursos tecnológicos, considerando que esse aspecto pode ser afetado pela vulnerabilidade econômica de suas famílias. É importante ressaltar que essas suposições carecem de informações que as apoiem, pois a renda familiar não foi perguntada às famílias.

5.5 O uso da máscara e o sufoco que causava

Inúmeras intervenções sanitárias foram promulgadas pelos órgãos responsáveis no intento de frear, o mais rápido possível, a disseminação do vírus SARS-CoV-2, como foi o caso das máscaras, amplamente recomendadas. De acordo com a OMS, a recomendação do uso de máscaras em crianças foi sugerida a partir dos 05 anos, levando em consideração suas capacidades de compreensão e a segurança no uso (OMS, 2020). A respeito disso, três

crianças – Moana, Augusto e Matias – relataram algo interessante, o incômodo que as máscaras lhes causavam.

Moana: Ai toda vez, eu quase ficava sufocada. (Grupo 4)

Augusto: A minha máscara quando respirava, a máscara grudava na minha cara. (Grupo 4)

Matias: Quando a gente usa máscara, a gente não tem como respirar. (Grupo 6)

A sensação de desconforto, anteriormente relatada pelas crianças, encontra respaldo em outras pesquisas, como a realizada por Bentinho e Katz (2022), que indicam que uma parcela significativa de crianças vivenciou desconforto com o uso prolongado de máscaras, apesar de sua necessidade. Os resultados obtidos por Esposito e Principi (2020) corroboram essas afirmações, destacando a relevância da educação proporcionada por pais, mães, responsáveis e toda a comunidade no que se refere à conscientização das crianças sobre os objetivos do uso de máscaras faciais, para que os conhecendo, elas se apropriem do conhecimento e tornem o uso eficaz.

A expressão de Moana, ao mencionar a palavra "sufocada", está profundamente relacionada ao período pandêmico experimentado globalmente pela população. A respiração, contrariamente ao sentido atribuído pela participante da pesquisa, foi a via mais impactada pelo vírus da COVID-19. Isso ocorre tanto devido à vulnerabilidade que a respiração oferece ao corpo quanto à sintomatologia específica associada a esta infecção. Moana traz a sensação física por ela vivenciada a partir do uso das máscaras, mas também diz de uma sensação vivida por grande parte das pessoas, que privadas de suas vivências cotidianas, buscaram discernir novos modos de tomar fôlego num período nebuloso.

Matias, participante da sexta rodinha de conversas, aponta um lugar um pouco diferente dos vividos por seus colegas na pandemia:

Pesq.: Ai, me contem mais alguma coisa, quando vocês... todo mundo na casa de vocês também usava máscara?

Matias: Não, a gente não usava máscara no meu sítio não.

Apesar de frequentar a escola na zona urbana, Matias indica morar na zona rural, como enunciado por ele mesmo “no meu sítio”. Como ele, há outras crianças que possuem essa dupla vivência cidade/campo. Essa especificidade, leva-nos a inferir que a forma como a pandemia foi vivenciada por ele, muito difere da experiência dos seus colegas de classe, pois o fator distanciamento e isolamento já é uma realidade, quando cada família vive afastada de outras casas e outras famílias pela dinâmica rural. Reconhecer o lugar de onde cada criança

fala, torna possível uma visão, ainda que parcial, das construções que elaboram sobre o mundo (Fernandes, Diaz, 2022).

A desobrigação do uso de máscaras e a cotidianidade do distanciamento trazem pontos que muito bem encerram as discussões dos resultados desta pesquisa. Isto se dá pela diversidade de Brasis, seja pelas questões econômicas que permitiram famílias inteiras alugarem casas de campo, afastadas, e fizessem da pandemia uma espécie de ano sabático, seja pelos casos como o de Matias, que já vivenciam condições diferentes. Esse olhar para diferentes contextos e crises é também citado pelos estudos de Tebet, Abramowics e Lopes (2021).

Ao analisar, dialogar ou intervir em questões abrangentes, como a pandemia em nosso país, torna-se imprescindível salientar a existência de diversos pontos de vista a serem considerados. Cada infância merece ser observada e respeitada em seu contexto e situação concreta. É urgente que a ciência se desloque dos grandes centros urbanos e construa, juntamente com as crianças de diferentes geografias, novos conhecimentos que permitam uma perspectiva renovada para as infâncias em suas múltiplas facetas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou examinar a compreensão que crianças pré-escolares possuíam sobre a pandemia da COVID-19, assim como as diversas reações, situações que vivenciaram ao longo do período pandêmico. Foi escolhido o procedimento de roda de conversas, com pequenos grupos de crianças, abordando-as diretamente, em um tom amistoso e linguagem apropriada, ou seja, ajustada ao nível de suas competências. Perguntava-lhes o que sabiam sobre pandemia, sobre COVID, o que foi preciso fazer para não ficar doente, como foi para elas o período de distanciamento físico, o que faziam, como brincavam o que sentiam e gostariam de fazer, como foi voltar para escola depois de tanto tempo, entre outras perguntas.

Realça-se, inicialmente, que as crianças brincam, mesmo impedidas de sair de casa e frequentar a escola; elas próprias destacaram o brincar como atividade central em suas vidas. Em espaços limitados e sem interação coletiva, elas encontraram maneiras de se entreter, envolvendo-se em atividades como corridas e andar de patinete. O brincar está intrinsecamente relacionado à infância, e, ainda que as condições pandêmicas rodeassem suas vivências cotidianas, essa característica não foi por elas modificada. Esse apontamento inicial não é um novo achado, mas uma reafirmação do papel que a brincadeira exerce na potência criadora de cada infante.

Como integrantes de uma comunidade que vivenciou a pandemia, as crianças compreendem e falam a respeito da COVID-19; elas tornam familiar os termos utilizados pela maioria da população para se referir ao vírus, fazem associações quanto à forma microscópica, biológica e infecciosa e, a seu modo, dizem do fenômeno pandêmico a partir de suas perspectivas, que refletem e fazem refletir seus entornos. Mais de uma vez, os achados desta pesquisa, corroboram com a ideia apontada pelos estudos da Sociologia da Infância (por ex., Abramowicz, Oliveira, 2010) que vislumbram na heterogeneidade e não uniformidade das crianças de mesma faixa etária, um modo de se fazerem entrar na história e nos acontecimentos dela decorrentes.

As falas das crianças participantes desta pesquisa, refletem de muitas maneiras o emaranhado de informações que toda a sociedade obtinha sobre o vírus da COVID-19, sobre o processo de adoecimento, como também sobre a propagação e os meios de transmissão. Para elas, o fenômeno da pandemia tornou-se algo próximo, ao ponto de utilizarem apelidos ao se referirem ao coronavírus (*“coronaveuris”*, *“corona”*). Ao aproximarem os termos

ligados ao seu novo cotidiano, elas trouxeram suas explicações sobre a definição do que seria Covid: “É um vírus, e que é uma doença”.

As crianças integram a história, como anteriormente mencionado; elas fazem parte, coabitam o cotidiano, seja ele pandêmico ou não. Através de suas falas, torna-se evidente o caráter produtivo que possuem, absorvendo seu entorno e proporcionando à cultura um novo significado para tudo o que experimentam (WATANABE, 2017). Os resultados apontaram para um conhecimento coerente e significativo sobre os aspectos de prevenção e transmissão da COVID-19; elas explicam o uso do álcool em gel, de máscaras e refletem em suas falas o distanciamento físico e as especificidades da pandemia.

O “novo normal” aos poucos foi sendo estabelecido. Não se pode afirmar sobre o modo como cada criança se apropriou dessa retomada, porém, ao ouvi-las, foi possível observar que, mesmo voltando a habitar diversos espaços como o da escola, as ameaças pandêmicas ainda persistiam, e o saber conviver com elas era necessário. As muitas falas sobre o uso de máscaras e álcool em gel, são na maioria das vezes, referidas e aportadas no ambiente escolar, com a noção da obrigatoriedade no espaço educacional que frequentam. Ainda sobre o estabelecimento de novas vivências, passada a fase crítica da pandemia, apenas uma das crianças cita a vacina como um fator relevante e relacionado diretamente ao combate ao vírus da COVID-19.

É sabido que, no Brasil, a pandemia foi perpassada por questões políticos-ideológicas, tendo em vista a postura do então presidente do Brasil. Ouvir as crianças foi, mais uma vez, adentrar essa esfera partidária, onde falas sobre a continuidade de idas a templos religiosos, mesmo durante o período de isolamento, fora visto como comum, como também o não uso de máscaras, mesmo sendo recomendação dos órgãos sanitários. Esses atravessamentos, lembram a ideia de Carvalho e Fochi (2017), que percebem no cotidiano das crianças e em suas atividades, laboratórios de cidadania, participação e mundo, dentre outros; com essa ideia, cabe-nos refletir quais lentes e caminhos laborais estamos ofertando como possibilidade para nossas crianças.

A disseminação de informações em larga escala, que atingiu toda a sociedade, também foi evidenciada nos achados desta pesquisa. Um aspecto notável foi o uso simbólico da imagem microscópica do vírus, amplamente divulgada pelos meios de comunicação e minuciosamente descrita por alguns participantes. Essa descrição nos levou a observar que a influência das grandes mídias inseriu no imaginário social a realidade do vírus, que não é visível a olho nu. O estudo de Folino (2021), já citado nessa dissertação, corrobora essa descrição imagética presente no discurso das crianças.

O acesso das crianças a tecnologias, como celulares, tablets ou mesmo a televisão não foi um dado que se revelou de forma excessiva; as crianças deste estudo, pouco relataram esses meios como principais formas de distração do dia a dia. Escolhemos olhar para esse dado como uma possibilidade de infância heterogênea, que se dá em uma realidade específica, em um contexto diferente que está emaranhado na espacialidade geográfica dos participantes desta pesquisa. As hipóteses sobre o reduzido número de habitantes da cidade, e a dinâmica interiorana, pode dar permissão a essas crianças de vivenciarem a pandemia sob um pano de fundo particular. Como aponta Sarmiento (2015), é necessário olhar para a diversidade cultural que se liga a uma infância, que é ao mesmo tempo múltipla e prescritiva.

A pesquisa que culminou na escrita dessa dissertação foi realizada em fevereiro de 2023, nesta data, as crianças já haviam retomado às aulas presenciais há quase um ano, mas a OMS não tinha oficialmente decretado o fim da pandemia, o que veio ocorrer em 05 de maio de 2023. Esse dado indica um tempo que pode ter feito diferença nas suas percepções e construções subjetivas sobre o fenômeno da pandemia. Dessa forma, a análise de todo o conteúdo coletado é feita a partir das suas falas como lembranças de algo que vivenciaram, no tempo delas, no passado um pouco distante. Esse fator, implicou em respostas que diziam sobre a pandemia, porém que não eram atualizadas pelo fator vívido do dia a dia, já que sua rotina estava novamente reestabelecida, mesmo que de uma nova maneira.

Os casos específicos, distantes da agitação dos grandes centros urbanos, como capitais e regiões metropolitanas, representam a realidade na qual esta pesquisa se baseou. Uma cidade com um número reduzido de habitantes, em comparação com as grandes cidades, pode ter experimentado a pandemia, o distanciamento e suas consequências de maneira distinta, proporcionando às crianças uma perspectiva única sobre o fenômeno global. Essa particularidade foi empregada como uma lente para a leitura e interpretação ética dos dados.

A realidade social e econômica na qual as crianças da pesquisa estão inseridas não foi perguntada explicitamente; essa informação poderia agregar um diferencial à análise dos resultados, considerando que este foi um ponto crítico ao longo da pandemia, dada a vulnerabilidade que o estado pandêmico impôs à grande parte da classe trabalhadora. As desigualdades sociais já são uma realidade em nosso país e, de diversas maneiras, resultam em dificuldades que restringem os caminhos e possibilidades das crianças, fazendo com que enfrentem desafios complexos e desmotivadores ao longo de sua trajetória.

Esta pesquisa deu a ciência um contributo, no que tange ao conhecimento das crianças sobre o que é pandemia e todas as especificidades oriundas dela. Escutar as crianças é sempre oportunidade de entrelaçar suas vivências e colocá-las dentro do cenário social, não mitigando

suas impressões e reverberações. Outro modo de fazer suas vozes ecoarem é confrontá-la com as diversas impressões de pais e professores. Esse intercambiamento de informações pode propiciar um novo dado científico a respeito do fenômeno pandêmico e seus pormenores.

Outras pesquisas, que se debruçam em ouvir as próprias crianças, em suas realidades diversas, como as indígenas, moradoras de periferias das grandes metrópoles, ribeirinhas e outras cidades de pequena população podem dar grande contribuição a presente discussão. Entender a dimensão do que aconteceu, a partir de públicos diversos, pode fomentar o conhecimento científico e fazê-lo promotor de ações públicas que beneficiem o bem-estar e preparo da população para situações semelhantes.

As dicotomias políticas que se exacerbaram nos últimos tempos, ainda respinga em todos, inclusive nas crianças. Pesquisas que observem crianças em outras situações e contextos – por exemplo, aquelas que têm aulas em casa com seus pais, por escolha da família (homeschooling) –, podem ser objeto de futuros estudos. Como essas crianças compreenderam a gravidade do que aconteceu e como elas podem contribuir para uma sociedade democrática, que respeite e propague ao fazer científico para o bem-comum.

O ato de ouvir as crianças, reconhecê-las e colocá-las no centro da discussão é um movimento cada vez mais essencial. A pureza das respostas das crianças, como Gonzaguinha afirmava, não é uma utopia, mas um poderoso mecanismo de construção de si, que tem muito a ensinar. As culturas infantis influenciam as relações entre pares e proporcionam possibilidades de atuação futura que surgem de uma visão constante e multifocal do ambiente ao seu redor. É a vida em constante processo de criação.

REFERÊNCIAS

- ABIB, J. A. D. (2009). Epistemologia pluralizada e história da psicologia. **Scientiæ & Studia**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 195-208. <https://doi.org/10.1590/S1678-31662009000200002>.
- ABRAMOWICZ, A. A pesquisa com crianças em infâncias e a sociologia da infância. In: FARIA, A., FINCO, D. (org.). **Sociologia da infância no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2011.
- ABRAMOWICZ, A., OLIVEIRA, F. A Sociologia da Infância no Brasil: uma área em construção. **Revista Educação**. v. 35, n. 1, p. 39-52, jan./abr. 2010. Disponível em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacao>.
- ALIANÇA PARA A PROTEÇÃO DA CRIANÇA EM AÇÕES HUMANITÁRIAS. Nota Técnica: **Proteção da Criança durante a Pandemia do Coronavírus**, Versão 1, Março de 2020. (The Alliance for Child Protection in Humanitarian Action, Technical Note: Protection of Children during the Coronavirus Pandemic, Version 1, March 2020.)
- ANJOS, C., & PEREIRA, F. Educação infantil em tempos de pandemia: outros desafios para os direitos, as políticas e as pedagogias das infâncias. **Zero-a-seis**, v. 23, p. 3-20, 2021.
- ANTUNES, A. **Lavar as mãos**. Rosa Celeste, 1995.
- ANTUNES, J. Condições socioeconômicas em saúde: discussão de dois paradigmas. **Revista de Saúde Pública**, v. 42 n. 3, p. 562-567, 2008. <https://doi.org/10.1590/S0034-89102008005000017>.
- ARROYO, M. Paulo Freire: Um Outro Paradigma Pedagógico? **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 35, 2019.
- ATHER, A., PATEL, B., RUPAREL, N., DIOGENES, A., HARGREAVES, K. Coronavirus disease 19 (COVID-19): implications for clinical dental care. **J Endod**. v. 46, n. 5, p. 584-95, 2020.
- AVELINO, W., MENDES, J. A realidade da educação brasileira a partir da COVID-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, v. 2, n. 5, p. 56-62, 2020.
- BARBOSA, J.; VAZ, A. Análise microgenética de processos de aprendizagem na pesquisa em educação em ciências. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, Minas Gerais, v. 18, n. 3, p. 458-477, nov. 2019.
- BELL, J Understanding Adulthood: A Major Obstacle to Developing Positive Youth-Adult Relationships. **YouthBuild**, USA, 1995.
- BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo, a educação**. Editorial 34, São Paulo, 2009.
- BENTINHO, I.; KATZ, C. Comportamento infantil, rotinas alimentares e de higiene, e queixas odontológicas de pacientes infantis durante a pandemia da COVID-19. **Conjecturas**,

[S. l.], v. 22, n. 1, p. 1646–1659, 2022. Disponível em: <https://conjecturas.org/index.php/edicoes/article/view/632>. Acesso em: 28 dez. 2023.

BIBACE, R., WALSH, M. Development of children's concepts of illness. **Pediatrics**. Dec; v. 66, n. 6, p. 912-7, 1980. PMID: 7454481.

BICHARA, I.; LORDELO, E.; MAGALHÃES, C. **Por que brincar? Brincar para quê? A perspectiva evolucionista sobre a brincadeira**. In: YAMAMOTO, M. E.; VALENTOVA, J. V. (Org.). Manual de psicologia evolucionista. Natal: EDUFRN, 2018. p. 448-463.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs): Saúde / Secretaria da Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1997.**

BRASIL. Lei n. 11.114, 16 de maio de 2005. Altera os arts. 6º, 30, 32 e 87 da Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, com o objetivo de tornar obrigatório o início do ensino fundamental aos seis anos de idade. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 17 de maio de 2005.

BRASIL. **Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância**. Estudo nº 1: *O Impacto do Desenvolvimento na Primeira Infância sobre a Aprendizagem*. 2014. <http://www.ncpi.org.br>.

BRASIL. **LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. 58 p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Lei nº 13.979, de 06 de fevereiro de 2020. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 06 de fevereiro de 2020a.

BRASIL. Lei nº 14.019, de 02 de julho de 2020. Altera a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, para dispor sobre a obrigatoriedade do uso de máscaras de proteção individual para circulação em espaços públicos e privados acessíveis ao público, em vias públicas e em transportes públicos, sobre a adoção de medidas de assepsia de locais de acesso público, inclusive transportes públicos, e sobre a disponibilização de produtos saneantes aos usuários durante a vigência das medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente da pandemia da COVID-19. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 02 de julho de 2020b.

BRASIL, Ministério da Educação. Orientações para retomada segura das atividades presenciais nas escolas de educação básica no contexto da pandemia da COVID-19. Orientações para reabertura das escolas da educação básica de ensino no contexto da pandemia da COVID-19. Brasília, Ministério da Saúde, 2021.

BRASIL. Consulta Pública SECOVID/MS Nº 1, de 22 de dezembro de 2021. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 22 dez. 2021a, ed. 240, s. 1, p. 296. Disponível em <https://in.gov.br/en/web/dou/-/consulta-publica-secovid/ms-n-1-de-22-de-dezembro-de-2021-369263243>.

BRAZENDALE, K., BEETS, M., WEAVER, R. Understanding differences between summer vs. school obesogenic behaviors of children: the structured days hypothesis. **Int J Behav Nutr Phys Act.** 2017; 14:100.

BROOKS, S, WEBSTER, R, SMITH, L. The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. **Lancet.** 2020 doi: 10.1016/S2215-0366(20)30077-8.

BRUNO, C., SAMPAIO, J. No pior momento da pandemia, as igrejas evangélicas permanecem lotadas. **Veja**, Brasil, v. 2733, n. 14, abril, 2021. Disponível em: URL. Acesso em: 18, outubro de 2023.

CALIL, G. A negação da pandemia: reflexões sobre a estratégia bolsonarista. **Serviço Social & Sociedade**, n. 140, p. 30–47, jan. 2021.

CANGUILHEM. O que é psicologia? **Revista tempo brasileiro**, n 30/31, 1973. P. 104-123. Disponível em: https://felipevillelapsicologia.files.wordpress.com/2015/01/que_psicologia.pdf. Acesso em 04.08.22.

CARVALHO, A. M. A.; IMPERIO-HAMBURGER, A.; PEDROSA, M. I. Dados e tirados: teoria e experiência na pesquisa em psicologia. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 7, n. 3, p. 205-212, dez. 1999.

CARVALHO, A. M. A.; IMPÉRIO-HAMBURGER, A.; PEDROSA, M. I. **Interaction, regulation and correlation in the contexto of human development: Conceptual discussion and empirical examples.** In Lyra, M. C. D. P. & Valsiner, J. (Eds.), Construction of psychological processes in interpersonal communication. Ablex Publishing Corp: Stamford, Connecticut. p. 155-180, 1998.

CARVALHO, A. M. A.; PEDROSA, M. I.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. **Aprendendo com a criança de zero a seis anos.** Ana M. A. Carvalho, Maria Isabel Pedrosa, Maria Clotilde Rossetti-Ferreira – São Paulo: Cortez, 2012.

CARVALHO, R. S.; FOCHI, P. S. Pedagogia do cotidiano na (e da) educação infantil. **Em Aberto**, Brasília, v. 30, n. 100, p. 15-19, set./dez. 2017.

CDC (CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION). Guideline for hand hygiene in health-care settings: recommendations of the Healthcare Infection Control Practices Advisory Committee and the HICPAC/SHEA/APIC/IDSA Hand Hygiene Task Force. **MMWR Recomm Rep**, Atlanta, v. 51, n. RR-16, p. 1-45, Oct. 2002.

CHEN, Y., ZHOU, H., ZHOU, Y., ZHOU, F. Prevalence of self-reported depression and anxiety among pediatric medical staff members during the COVID-19 outbreak in Guiyang, China. **Psychiatry Res.** v. 288:113005, 2020.

CHU, H. et al. Comparative replication and immune activation profiles of SARS-CoV-2 and SARS-CoV in human lungs: an ex vivo study with implications for the pathogenesis of COVID-19. **Clinical Infectious Diseases**, Chicago, 2020. DOI: 10.1093/cid/ciaa410. Disponível em: <https://academic.oup.com/cid/article/doi/10.1093/cid/ciaa410/5818134>.

CORSARO, W. A. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: MÜLLER, F.; CARVALHO, A. M. A. **Teoria e prática na pesquisa com crianças**: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009.

CORSARO, W. A. **Sociologia da Infância**. São Paulo: Artmed, 2011.

COST, K., CROSBIE, J., ANAGNOSTOU, E., BIRKEN, C., CHARACH, A., MONGA, S., KELLEY, E., NICOLSON, R., MAGUIRE, J., BURTON, C., SCHACHAR, R., ARNOLD, P. & KORCZAK, D. Mostly worse, occasionally better: impact of COVID-19 pandemic on the mental health of Canadian children and adolescents. **Eur Child Adolesc Psychiatry**, v. 31, p. 671–684, 2022. <https://doi.org/10.1007/s00787-021-01744-3>.

DESLANDES, S.; COUTINHO, T. Pesquisa social em ambientes digitais em tempos de COVID-19: notas teórico-metodológicas. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 11, p. e00223120, 2020.

DUNNING, B. “FLICC: 5 Techniques of Science Denial”. **Skeptoid**. 2019. Disponível em: <https://skeptoid.com/episodes/4691>.

E INFANCIAS, S. Presentación. Llegó la pandemia y mandó parar.... **Sociedad e Infancias**, v. 4, p. 1–3, 30 jun.2020 <https://doi.org/10.5209/soci.70365>.

ESPOSITO, S. PRINCIPI, N. To mask or not to mask children to overcome COVID-19. **Europe an Journal of Pediatrics**, v.179, n. 8, p. 1267-1270, 2020

FEITOSA, M., de MORAES Jr, R., de SOUZA, W., BERNARDINO, L., & MELCHIADES, A. Impactos da Pandemia da COVID-19 sobre a Sensação e a Percepção. **Cadernos de Psicologia**, p. 30-30, 2022.

FERNANDES, M.; DIAZ, D. Aproximações à situação de crianças durante a pandemia de COVID-19 no Distrito Federal brasileiro. In: Instrumento: **Rev. Est. e Pesq. em Educação**, Juiz de Fora, v. 24, n. 2, p. 560-576, maio/ago. 2022.

FISCHER, R. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa, [S.L.]**, n. 114, p. 197-223, 2001. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0100-15742001000300009>.

FOLINO, C., ALVARO, M., MASSARANI, L., & CHAGAS, C. A percepção de crianças cariocas sobre a pandemia de COVID-19, SARS-CoV-2 e os vírus em geral. **Cadernos De Saúde Pública**, v. 37 n. 4, e00304320, 2021. <https://doi.org/10.1590/0102-311X00304320>.

FRANCO, B., LANDGRAF, M.; PINTO, U. Alimentos, Sars-CoV-2 e COVID-19: contato possível, transmissão improvável. **Estudos Avançados**, v. 34, n. 100, p. 189–202, set. 2020.

FRANCO, N.; SOARES, M. “Um jeito negro de ser e viver”: (re)inventando a vida no contexto da pandemia da COVID-19 – o que dizem as crianças negras e suas mães. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 22, n. Especial, p. 1229-1254, dez./dez., 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GOMES, A. S.; PEDROSA, M. I. Resistência e enfrentamentos entre parceiros em brincadeiras coletivas. In: Pedrosa, M. I.; Souza, M. T. C. C.; Leme, M. I. S. (Org). **Desenvolvimento humano, justiça social e contextos sustentáveis** [recurso eletrônico]. - 1. ed. - São Paulo: Edicon, 2021.

GONÇALVES, E.; BRITTO, A. Ensino remoto na Educação Infantil em tempos de pandemia: reflexões acerca das novas formas de ensinar. **Revista Práxis**. v. 12, p. 40-46, dez. 2020

GONTIJO, F.; ERICK, I. Diversidade Sexual e de Gênero, Ruralidade, Interioridade e Etnicidade no Brasil: Ausências, Silenciamentos e... Exortações. **Aceno**, Cuiabá, v. 2, n. 4, p. 24-40, 2015.

GUERREIRO, C.; ALMEIDA, R. Negacionismo religioso: Bolsonaro e lideranças evangélicas na pandemia COVID-19. **Religião & Sociedade**, v. 41, n. 2, p. 49-74, maio 2021.

GUIZZO, B. S.; MARCELLO, F. A.; MÜLLER, F. A reinvenção do cotidiano em tempos de pandemia. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 46, e238077, 2020.

HAN, J., LEE, H. Effects of Parenting Stress and Controlling Parenting Attitudes on Problem Behaviors of Preschool Children: Latent Growth Model Analysis. **J Korean Acad Nurs**. V. 48, n. 1, p.109-121, 2018. <https://doi.org/10.4040/jkan.2018.48.1.109>

HARTMANN, L. Como fazer pesquisa com crianças em tempos de pandemia? Perguntemos a elas. **Revista NUPEART**, Florianópolis, v. 24, n. 2, p. 29-52, 2020. DOI: 10.5965/23580925242020029.

HORNE, P., LOWE, C. On the origins of naming and other symbolic behavior. **Journal of the Experimental Analysis of Behavior**, v. 65, p. 185-241, 1996, doi: 10.1901/jeab.1996.65-185.

IDOIAGA, N.; BERASATEGI, N.; EIGUREN, A.; PICAZA, M. Explorando as representações sociais e emocionais das crianças sobre a pandemia de COVID-19. **Frente. Psicol**, v. 11, 1952, 2020. doi: 10.3389/fpsyg.2020.01952

ISLAM, M.; SARKAR, T.; KHAN, S.; MOSTOFA KAMAL, A.; HASAN, S.; KABIR, A.; YEASMIN, D.; ISLAM, M.; AMIN CHOWDHURY, K.; ANWAR, K.; CHUGHTAI, A.; SEALE, H. Infodemia relacionada à COVID-19 e seu impacto na saúde pública: uma análise global das mídias sociais. **O Jornal Americano de Medicina Tropical e Higiene**, v. 103 n. 4, p. 1621-1629, 2020. Recuperado em 21 de novembro de 2023, em <https://doi.org/10.4269/ajtmh.20-0812>.

JIAO, W.; WANG, L.; LIU, J.; FANG, S.; JIAO, F.; PETTOELLO-MANTOVANI, M.; et al. Behavioral and Emotional Disorders in Children during the COVID-19 Epidemic. **The Journal of Pediatrics**. v. 221, p. 264-266, Jun. 2020.

JÚNIOR, J.; COSTA, S. Evidência da transmissão de patógenos por meio das mãos. In: Brasil, Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Segurança do Paciente em Serviços de Saúde: Higienização das Mãos**. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Brasília: Anvisa, p. 25-30, 2009.

KOHAN, W. A infância descolonizadora do tempo. In: SANTOS, Solange Estanislau dos et al. (org.). **Pedagogias descolonizadoras e infâncias: por uma educação emancipatória desde o nascimento**. Maceió: Edufal; Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2018. p. 85-98.

LARSON, E. Hygiene of skin: when is clean too clean. **Emerging Infectious Diseases**, New York, v. 7, n. 2, p. 225-230, Mar./Apr. 2001.

LIEBEL, M. **Niñez y Justicia Social: Repensando sus derechos**. Pehuén Editores, 2013.

LIMA, D., DIAS, A., RABELO, R., CRUZ, I. da., COSTA, S., NIGRI, F., & NERI, J. COVID-19 no estado do Ceará, Brasil: comportamentos e crenças na chegada da pandemia. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 5, p. 1575–1586, maio 2020. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020255.07192020>.

LIRA, P., PEDROSA, M. I. Empathic communication in cooperative play of 2 and 3 year olds. **Paidéia**. Ribeirão Preto, v. 29, e2939, 2019.

LUCENA, J. M. F.; PEDROSA, M. I. O brincar e a construção de um meio culturalmente sustentável. In: PEDROSA, M. I.; SOUZA, M. T. C. C.; LEME, M. I. S. **Desenvolvimento humano, justiça social e contextos sustentáveis**. 1. ed. São Paulo: Edicon, 2021. Cap. 3, p. 48-67.

LYRA, G., CONSTANTINO, P.; FERREIRA, A. **Quando a violência familiar chega até a escola**. In: ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P.; AVANCI, J. Q. (Orgs.). Impactos da violência na escola: um diálogo com professores. Rio de Janeiro: Ministério da Educação. Editora FIOCRUZ, 2010.

MACEDO, E. Desigualdade e pandemia nas vidas das brasileiras e dos brasileiros. **Zero-a-seis**, v. 22, p. 1404-1419, 2020.

MACIEL, E. et al. A campanha de vacinação contra o SARS-CoV-2 no Brasil e a invisibilidade das evidências científicas. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, n. 3, p. 951–956, mar. 2022.

MANDETTA, L. **Um paciente chamado Brasil: os bastidores da luta contra o coronavírus**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2020.

MARTÍN, J., ROGERO, J. **El coronavirus y la asfixia educativa: el confinamiento dejasinprotección a la infancia más vulnerable**. [Internet]. 2020.

MATOS, R. Fake news frente à pandemia de COVID-19. **Vigilância Sanitária em Debate**, v.8, n.3, p.78-85, 2020.

MEIRA, L. Análise microgenética e videografia: ferramentas de pesquisa em psicologia cognitiva. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 3, p. 59-71, dez. 1994.

MELGAREJO, P., LINARES, R. **Infancias, voces y esperanzas ante el confinamiento del COVID-19 en México**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

MIRZOEFF, N. **Una introducción a la cultura visual**. Barcelona: Paidós, 2003.

MORIN, E. **A inteligência da Complexidade**/ Edgar Morin & Jean-Louis-le Moigne. Trad. Nuremar Maria Falci. 3ª. Edição. São Paulo: Petrópolis, 2000.

MUÑOZ, M., PASCUAL, R., & VELÁSQUEZ, C. Infancia Confinada. ¿Cómo viven la situación de confinamiento niñas, niños y adolescentes? **Infancia Confinada y Enclave de Evaluación**. 2020.
<https://infanciaconfinada.com/wp-content/uploads/2020/05/informe-infancia-confinada.pdf>

MYANT K., WILLIAMS J. Children's concepts of health and illness: Understanding of contagious illnesses, non-contagious illnesses and injuries. **Journal of Health Psychology**, v. 10, n. 6, p. 805-819, 2005. doi:10.1177/1359105305057315.

NOGUERAS, M. et al. Importance of hand germ contamination in health-care workers as possible carriers of nosocomial infections. **Rev. Inst. Med. Trop. São Paulo**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 149-152, May/ June 2001.

NOVAES, A. Sobre o tempo e a história. In: NOVAES, A. (org.) **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal da Cultura, 1996.

OLIVEIRA, Z. **Educação Infantil: Fundamentos e Métodos**. São Paulo: Cortez, 2008.

ONU Mulheres. **ONU Mulheres faz chamado ao setor privado para garantia da igualdade de gênero na resposta à COVID-19**. 2020a. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/onu-mulheresfaz-chamado-ao-setor-privado-paragarantia-da-igualdade-de-genero-naresposta-a-COVID-19/>.

ORBEN, A., TOMOVA, L., BLAKEMORE, S. The effects of social deprivation on adolescent development and mental health. **The Lancet**, v. 4, n. 8, p. 634-640, 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Coronavirus disease (COVID-19): Children and masks**. 21 august 2020. (Acesso em 23/12/2023). Disponível em: <https://www.who.int/news-room/q-a-detail/q-a-children-and-masks-related-to-COVID-19>

PEDROSA, M. I.; CARVALHO, A. M. A. Análise qualitativa de episódios de interação: uma reflexão sobre procedimentos e formas de uso. **Psicologia: Reflexão e Crítica** [online]. São Paulo, v. 18, n. 3, p. 431-442, dez. 2005.

PEDROSA, M. I., PEREIRA, M. C., MELLO, M. L. **Brincar por brincar: o espaço de criação, apropriação e conquistas na educação infantil**. In: Maria Walburga dos Santos; Cleonice Maria Tomazzetti; Suely Amaral Mello. (Org.). *Eu ainda sou criança: Educação Infantil e resistência*. 1ed. São Carlos: EDUFSCar, 2018, v. 1, p. 217-234.

PENG, X., XU, X., LI, Y., CHENG, L., ZHOU, X., REN, B. Transmission routes of 2019-nCoV and controls in dental practice. **Int J Oral Sci**. v. 12, n. 1, p. 9, 2020.

PERRIN, E.; GERRITY, S. There's a demon in your belly: children's understanding of illness. **Pediatrics**, v.67, t.6, p.841-9, 1981.

PERRONE, L. **Metodi Quantitativi della Ricerca Sociale**. Milão: Feltrinelli, 1977.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. Trad. Alvaro Cabral e Christiano M. Oiticica, 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PIAGET, J. **Seis estudos de Psicologia** (25ª ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.

PINO, A. A criança e seu meio: contribuição de vigotski ao desenvolvimento da criança e à sua educação. **Psicologia USP**. São Paulo, 2010, 21(4), 741-756.

PRADO FILHO, K. e MARTINS, S.A subjetividade como objeto da(s) psicologia(s). **Psicologia & Sociedade** [online]. 2007, v. 19, n. 3, pp. 14-19. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000300003>>. Epub 28 Jan 2008. ISSN 1807-0310.

PROJETO COMPROVA. É falso que a COVID-19 seja uma trombose causada por bactéria. **O Estado de S. Paulo** [online], São Paulo, 25 junho 2020. Estadão Verifica. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/e-falso-que-a-COVID-19-seja-uma-trombose-causada-por-bacteria/>

QVORTRUP, J. **The Meaning of Child's Standard of Living**, in: Arlene Bowers Andrews and Natalie Hevener Kaufman (eds.): Implementing the U.N. Convention on the Rights of the Child: A Standard of Living Adequate for Development. Westport, Connecticut: Praeger, pp. 47-55, 1999.

QVORTRUP, J. Nove teses sobre a “infância como um fenômeno social”. **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 1 (64), p. 199-211, jan./abr. 2011.

RAMOS, T. Pandemia é pandemia em qualquer lugar – vivendo a crise da COVID-19 de fora dos grandes centros, **Espaço e Economia** [Online], v. 18 | Abril 2020.

RATUSNIAK, C., MAFRA, I., & SILVA, V. A travessia das infâncias no Amazonas no contexto de distanciamento social. **Zero-a-seis**, v. 22, .1, p. 1364-1382, 2020.

RAUEN, F. Consulta pública secovid/ms: “uma afronta de conteúdo e forma”. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 22, n. 2, p. 241–259, maio 2022.

ROSCHELLE, R., JORDAN, G., GREENO, J., KATZENBERG, B. e DEL CARLO, C. (1991). **Relatório preliminar sobre as observações de Classroom. relatório Técnico apresentado ao Instituto de Investigação sobre a Aprendizagem (IRL)**, Palo Alto, CA, EUA.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; AMORIM, K. S.; SILVA, A. P. S.; OLIVEIRA, Z. R. Desafios metodológicos na perspectiva da rede de significações. **Cadernos de Pesquisa**, v. 38, n. 133, p. 147-170, 2008.

SARMENTO, M. J. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2003. (texto digitado).

SARMENTO, M. J. Gerações e alteridade: interrogação a partir da sociologia da infância. In: **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005.

SARMENTO, M. Uma agenda crítica para os estudos da criança. **Currículo sem Fronteiras**, v. 15, n. 1, p. 31-49, jan./abr. 2015.

SHIOZAWA, P.; UCHIDA, R. Social media during a pandemic: bridge or burden? **São Paulo Medical Journal**, v. 138, n. 3, p. 267–268, maio 2020.

SILVA, R. **A roda da conversa na educação infantil: a constituição da criança como sujeito**. 2016. 112 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Universitário Salesiano de São Paulo, UNISAL - *Campus* Maria Auxiliadora, Americana, 2016.

SILVÉRIO, A. et al. Toxic stress on a pediatric population during the COVID-19 pandemic. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 41, p. e2021399, 2023.

SOARES, N., SARMENTO, M., TOMÁS, C. Investigação da infância e crianças como investigadoras: metodologias participativas dos Mundos sociais das crianças. **Nuances: estudos sobre educação** – ano XI, v. 12, n. 13, p. 49-64, 2005.

SOLOMON, G., & CASSIMATIS, N. On facts and conceptual systems: Young children's integration of their understandings of germs and contagion. **Developmental Psychology**, v. 35, n. 1, p. 113–126, 1999. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.35.1.113>.

SOUZA, J. S. **Brincar em tempos de tecnologias digitais móveis**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SOUZA, M. (In) visíveis? crianças quilombolas e a necropolítica da infância no Brasil. **Zero-a-seis**, v. 22, p. 1281-1304, 2020.

TEBET, G., ABRAMOWICZ, A., LOPES, J.: A make-believe confinement for Brazilian young children in the COVID-19 pandemic. **Children's Geographies**. 2021.

THOMPSON, M. Pandemia amplia abismo entre escolas públicas e privadas no Brasil. **Folha de S. Paulo**, ano 100, n. 33.295, maio. 2020.

UZUN DE FREITAS, M. A evolução do jogo simbólico na criança. **Ciênc. cogn.**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p. 145-163, dez. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212010000300013&lng=pt&nrm=iso>.

VAN DER VEER, R. VALSINER, J. (2001). **Vygotsky: uma síntese**. 4ª ed. São Paulo: Loyola

VARGAS, M. Moradia e pertencimento: a defesa do Lugar de viver e morar por grupos sociais em processo de vulnerabilização. **Cad Metrop**, v. 18, n. 36, p. 535-557, 2016.

VENTUROSA, Prefeitura Municipal de. Volta às aulas presenciais: rede municipal retornará com alunos da educação infantil, do ensino fundamental e da EJA. Venturosa, 2021.

VIGOTSKI, L. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico**; apresentação e comentários Ana Luiza Smolka; tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

VYGOTSKY, L. **Obras Escogidas: problemas de psicologia geral**. Gráficas Rogar. Fuenlabrada. Madrid, 387 p., 1982.

WANG, G., ZHANG, Y., ZHAO, J., ZHANG, J., & JIANG, F. (2020). Mitigate the effects of home confinement on children during the COVID-19 outbreak. **Lancet** (London, England), 395(10228), 945–947. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30547-X](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30547-X)

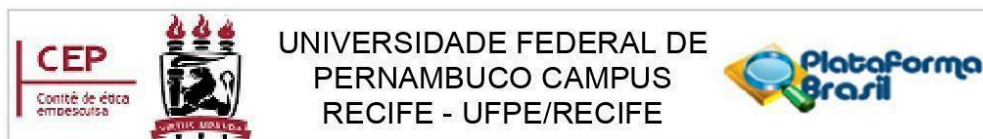
WATANABE, D. **A interatividade como fomentadora da ludicidade: tudo fica “típico” quando as crianças brincam na educação infantil.** Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Ciências e Tecnologia UNESP – campus de Presidente Prudente. Presidente Prudente, 2017.

WENHAM, C., SMITH, J., MORGAN, R. COVID-19: the gendered impacts of the outbreak. **The Lancet Public Health - Elsevier Ltd.**, v. 395, n. 10227, mar. 2020, p. 846-848. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)30526-2/fulltext#articleInformation](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)30526-2/fulltext#articleInformation) .

ZANATTA, C., SANTANA, C., DOMINGOS, L., CAMPOS, L., SANTOS, M. Bem-estar psicológico e percepção de suporte social: uma análise sobre idosos e a pandemia covid 19. **Revista Valore**, [S.l.], v. 6, p. 120-135, out. 2021. ISSN 2526-043X. Disponível em: <<https://revistavalore.emnuvens.com.br/valore/article/view/1024/815>>. Acesso em: 31 jul. 2023. doi:<https://doi.org/10.22408/reva6020211024120-135>.

ZERO-A-SEIS, Florianópolis, v. 22, n. Especial, p. 1175-1176, dez./dez., 2020. **Universidade Federal de Santa Catarina.** ISSN 1980-4512. DOI: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22nespp1175>

ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: Desenvolvimento infantil em contexto pós pandêmico: a inserção das crianças na pré-escola e a relação com seus pares.

Pesquisador: LARISSA ANIELY LEONILLO ALMEIDA

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 64626522.2.0000.5208

Instituição Proponente: CENTRO DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS

Patrocinador Principal: FUNDACAO DE AMPARO A CIENCIA E TECNOLOGIA - FACEPE

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.893.110

Apresentação do Projeto:

Trata-se de Emenda ao projeto original para alteração do local de realização da pesquisa.

Projeto de dissertação do mestrado em Psicologia da UFPE

MESTRANDA - Larissa Anielly Leonillo Almeida

ORIENTADORA - Maria Izabel Patrício de Carvalho Pedrosa

DESENHO DO ESTUDO - Abordagem qualitativa, método observacional

LOCAL DO ESTUDO - Pré-escola pública do município de Venturosa, Pernambuco

PARTICIPANTES - Turma do segundo ano B que tem quatorze crianças e do segundo C que tem dezenove. Essas turmas tem em comum a professora.

PRODUÇÃO DE DADOS - Através de rodas de conversa onde serão observados e videogravados o comportamento de crianças pré-escolares em duas situações escolhidas no cotidiano da pré-escola: (1) um momento em que as crianças conversam com a professora – momento chamado de Rodinha de Conversas; e (2) uma situação de brincadeira livre, que ocorrerá em continuidade ao primeiro momento. As crianças que participarem da rodinha serão convidadas a permanecer um pouco mais na sala para brincarem de escola – uma brincadeira de faz de conta –, utilizando os objetos que estarão disponíveis para este momento.

Haverá nesses dois momentos liberdade de expressão da criança e consideração do seu protagonismo".

ANÁLISE DOS DADOS - "...análises microgenéticas, com a qual se destriacha, em minúcias, o comportamento verbal, gestual e fisionômico das crianças, para serem alçadas as

Endereço: Av. das Engenhasria, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 50.740-600

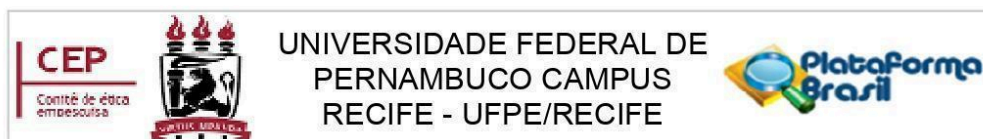
UF: PE

Município: RECIFE

Telefone: (81)2126-8588

Fax: (81)2126-3163

E-mail: cephumanos.ufpe@ufpe.br



Continuação do Parecer: 5.893.110

significações de suas ações".

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

(Geral) Investigar a compreensão da criança pré-escolar sobre a pandemia da COVID19 – o isolamento físico e distanciamento social, brincadeiras, sentimentos nesse período, bem como o reencontro dos parceiros, expectativas com a volta à escola e retomada das atividades.

Objetivo Secundário:

(Específico 1) Descrever, a partir dos relatos das crianças, como elas vivenciaram o período do isolamento físico e distanciamento social durante a pandemia: o que faziam, como brincavam o que sentiam e gostariam de fazer;

(Específico 2) Examinar as significações atribuídas pelas crianças às suas vivências interacionais com os pares e com os adultos da instituição, incluindo a professora, suas aprendizagens, brincadeiras, amizades, e a própria escola, após a experiência de isolamento físico decorrente da pandemia da COVID19.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

O fato de as crianças estarem inseridas em uma rodinha de conversas que terá como temática principal a pandemia, pode ocasionar nelas desconforto ou instabilidade emocional. Se porventura alguma criança sentir desconforto emocional ou de qualquer tipo no decorrer do estudo, esta será acolhida e encaminhada ao Serviço de Saúde do Municipal, para escuta e manejo junto à psicóloga do serviço.

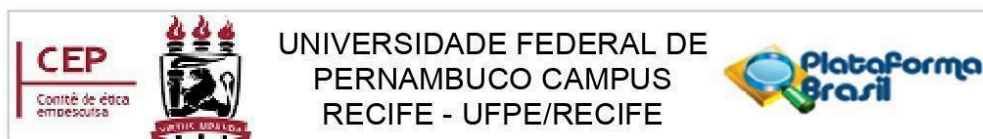
Benefícios:

Além do desenvolvimento da ciência, no que concerne ao avanço no conhecimento da temática estudada, será dado oportunidade para as crianças falarem sobre suas vivências, expressarem o que sentem sem juízo de valor, possibilitando-lhes novas formas de olhar para os fenômenos decorrentes da pandemia, a partir da troca com a professora, e assim efetivando novos ajustamentos criativos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Temática pertinente na atualidade. Metodologia descrita de forma clara e detalhada.

Endereço: Av. das Engenhasria, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-3163 **E-mail:** cephumanos.ufpe@ufpe.br



Continuação do Parecer: 5.893.110

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos apresentados acham-se em conformidade com as normas do CEP.

Recomendações:

Recomendamos uma avaliação sobre os riscos de uma infecção pela COVID 19 e o uso das medidas sanitárias necessárias para evitar esse risco.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado.

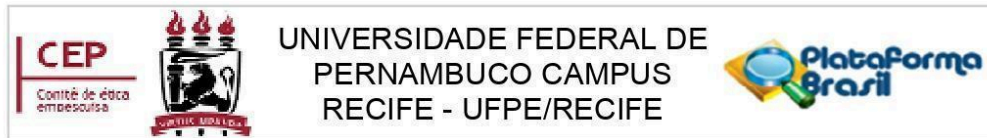
Considerações Finais a critério do CEP:

A emenda foi avaliada e APROVADA pelo colegiado do CEP.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_2088053_E1.pdf	10/02/2023 15:21:46		Aceito
Outros	JustificativaEmenda.docx	10/02/2023 15:19:15	LARISSA ANIELY LEONILO ALMEIDA	Aceito
Outros	cartadeanuenciaescola.pdf	10/02/2023 15:18:08	LARISSA ANIELY LEONILO ALMEIDA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEResponsaveismenores.doc	10/02/2023 15:16:00	LARISSA ANIELY LEONILO ALMEIDA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_CEP_Larissa_Almeida_2023.doc	10/02/2023 15:14:07	LARISSA ANIELY LEONILO ALMEIDA	Aceito
Outros	CartaResposta.docx	15/01/2023 20:04:52	LARISSA ANIELY LEONILO ALMEIDA	Aceito
Outros	cartadeanuenciaencaminhamentos.pdf	29/12/2022 10:30:01	LARISSA ANIELY LEONILO ALMEIDA	Aceito
Outros	declaracao_uso_de_imagem.pdf	25/10/2022 20:37:36	LARISSA ANIELY LEONILO ALMEIDA	Aceito
Outros	declaracaodevinculo.pdf	25/10/2022 20:33:52	LARISSA ANIELY LEONILO ALMEIDA	Aceito
Outros	termo_de_confidencialidade.pdf	25/10/2022 20:33:12	LARISSA ANIELY LEONILO ALMEIDA	Aceito
Outros	2022_10_17_CV_Maria_Isabel_Patricio de Carvalho Pedrosa.pdf	25/10/2022 20:31:41	LARISSA ANIELY LEONILO ALMEIDA	Aceito
Outros	Currículos_Lattes_Larissa_Aniely_Leonilo_Almeida.pdf	25/10/2022 20:25:44	LARISSA ANIELY LEONILO ALMEIDA	Aceito

Endereço: Av. das Engenhasria, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-3163 **E-mail:** cephumanos.ufpe@ufpe.br



Continuação do Parecer: 5.893.110

Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	25/10/2022 20:08:46	LARISSA ANIELY LEONILO ALMEIDA	Aceito
----------------	--------------------	------------------------	-----------------------------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RECIFE, 14 de Fevereiro de 2023

Assinado por:
LUCIANO TAVARES MONTENEGRO
(Coordenador(a))

Endereço: Av. das Engenhasria, s/n, 1º andar, sala 4 - Prédio do Centro de Ciências da Saúde
Bairro: Cidade Universitária **CEP:** 50.740-600
UF: PE **Município:** RECIFE
Telefone: (81)2126-8588 **Fax:** (81)2126-3163 **E-mail:** cephumanos.ufpe@ufpe.br

ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARA RESPONSÁVEL LEGAL PELO MENOR DE 18 ANOS)

Solicitamos a sua autorização para convidar o(a) seu/sua filho(a) _____ (ou criança que está sob sua responsabilidade) para participar, como voluntário (a), da pesquisa (Desenvolvimento infantil em contexto pós-pandêmico: a inserção das crianças na pré-escola e a relação com seus pares). Esta pesquisa é de responsabilidade da pesquisadora Larissa Anielly Leonilo Almeida, que mora na Travessa Pedro Cazuza, SN, Rio dos Bois, Venturosa-PE, contato: (87) 99194.6126. A pesquisadora é mestrande e está sob a orientação de: Maria Isabel Patrício de Carvalho Pedrosa, do Programa de Pós-graduação em Psicologia, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), situado na Av. da Arquitetura s/n - 9º Andar, Departamento de Psicologia, Cidade Universitária - Recife – PE, CEP: 50740-550, Fone/Fax: (81) 2126 8271, e-mail: maria.cpedrosa@ufpe.br.

O/a Senhor/a será esclarecido(a) sobre qualquer dúvida a respeito da participação de seu(sua) filho(a) na pesquisa. Apenas quando todos os esclarecimentos forem dados e o/a Senhor/a concordar que o(a) criança faça parte do estudo, pedimos que rubrique as folhas e assine ao final deste documento, que está em duas vias.

Uma via deste termo de consentimento lhe será entregue e a outra ficará com a pesquisadora responsável. O/a Senhor/a estará livre para decidir que ele/a participe ou não desta pesquisa. Caso não aceite, não haverá nenhum problema, pois desistir que seu filho/a participe é um direito seu. Caso não concorde, não haverá penalização para ele/a, bem como será possível retirar o consentimento em qualquer fase da pesquisa, também sem nenhuma penalidade.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

❑ **Descrição da pesquisa e esclarecimento da participação:** A pesquisa tem por objetivo investigar a compreensão da criança pré-escolar sobre a pandemia da COVID19 – o isolamento físico e distanciamento social, brincadeiras, sentimentos nesse período, bem como o reencontro dos parceiros, expectativas com a volta à escola e retomada das atividades. Para tal, faremos uso de rodas de conversas com as crianças, que serão registradas por meio de videogravação. A coleta será realizada presencialmente na própria escola, em período de aula, com os alunos da turma escolhida, com tempo de 30min em média. Será conduzido pela pesquisadora um momento em que as crianças, nas rodas de conversas, terão espaço para compartilhar suas experiências e conhecimento acerca da pandemia. Em seguida, as crianças terão ainda um momento breve de brincadeiras – brincadeira de faz de conta sobre como foi o primeiro dia de ir pra escola depois da pandemia; esse momento também será registrado.

❑ **RISCOS:** O fato de as crianças estarem inseridas em uma rodinha de conversas que terá como temática principal a pandemia, pode ocasionar nelas desconforto ou instabilidade emocional. Se porventura alguma criança sentir desconforto emocional ou de qualquer tipo no decorrer do estudo, ela será acolhida e encaminhada ao Serviço de Saúde do Municipal, para escuta e manejo junto à psicóloga do serviço.

- ❑ **BENEFÍCIOS diretos/indiretos** para os voluntários: Além do desenvolvimento da ciência, no que concerne ao avanço no conhecimento da temática estudada, será dada oportunidade para as crianças falarem sobre suas vivências, expressarem o que sentem sem juízo de valor, possibilitando-lhes novas formas de olhar para os fenômenos decorrentes da pandemia, a partir da troca com a pesquisadora, e assim efetivando novos ajustamentos criativos.

Esclarecemos que os participantes dessa pesquisa têm plena liberdade de se recusar a participar do estudo e que esta decisão não acarretará penalização por parte dos pesquisadores. Todas as informações dessa pesquisa serão confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados coletados nesta pesquisa (gravações em vídeo), ficarão armazenados no Laboratório de Interação Social Humana (LabInt), do qual participam a pesquisadora e sua orientadora, e em computador pessoal, sob a responsabilidade da pesquisadora, no endereço acima informado, pelo período de mínimo 5 anos após o término da pesquisa.

O(A) senhor(a) não pagará nada e nem receberá nenhum pagamento para ele/ela participar desta pesquisa, pois deve ser de forma voluntária, mas fica também garantida a indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação da criança na pesquisa, conforme decisão judicial ou extrajudicial. Se houver necessidade, as despesas para a participação serão assumidas pelos pesquisadores (ressarcimento com transporte e alimentação).

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, o(a) senhor(a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: **(Avenida da Engenharia s/n – Prédio do CCS - 1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife-PE, CEP: 50740-600, Tel.: (81) 2126.8588 – e-mail: cephumanos.ufpe@ufpe.br).**

Assinatura da pesquisadora

CONSENTIMENTO DO RESPONSÁVEL PARA A PARTICIPAÇÃO DO/A VOLUNTÁRIO

Eu, _____, CPF _____, abaixo assinado, responsável por _____, autorizo a sua participação no estudo “Desenvolvimento infantil em contexto pós pandêmico: a inserção das crianças na pré-escola e a relação com seus pares” como voluntário(a). Fui devidamente informado(a) e esclarecido (a) pelo (a) pesquisador (a) sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes da participação dele (a). Foi-me garantido que posso retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade para mim ou para o (a) menor em questão.

Local e data _____

Assinatura do (da) responsável: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do voluntário em participar. 02 testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome:	Nome:
Assinatura:	Assinatura: